



9

ALABAMA



1867

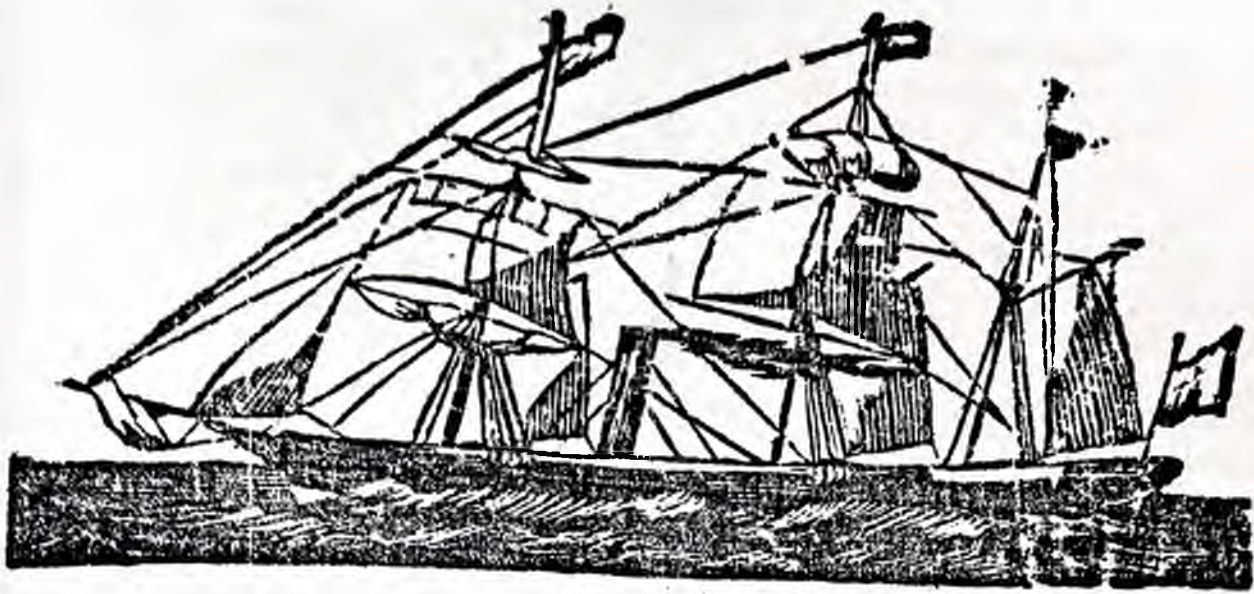
A

1868



I	8
6	20

L. G. H. B.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.^{as}

á rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Anno VI.

Preço d'assignatura—1\$ rs. por serie de 10 ns. ou 5\$ rs. por 6 series.

Serie 37.

BAHIA

3 DE JUNHO DE 1868.

N. 369.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
2 de junho de 1868.

Não houve expediente.

—Conheceu a filha do fallecido escrivão Chaves?

—Ouvi fallar.

—Morreu.

—Deus lhe dê o descanso eterno.

—Coitada! Morreu no hospital de eharidade ao desamparo.

—Ao desamparo?!...

—Sim; admirou-se?

—Pois no hospital de eharidade se morre ao desamparo?!...

—E' porque as *santas* e pudibundas mulheres, á cujo cargo está estabelecimento, tem horror e *escrupulo* de curar certas molestias

—Está direito... esta cá me fica!...

—Não foi pelo que eu fiz.

—Algum novidade?

—Diz o *Parahybano* que, no dia 21 do p. p., embarcara no trem da estrada de ferro do Rio, com destino a Vassouras, um padre preso e algemado, e eu digo que não foi por alguma *innocencia* que eu fizesse.

—Fosse embora criminoso, causa sempre dôr ver algemado um sacerdote de Jesus Christo; e mesmo que me parece que a poli-

cia tem outros meios de segurança sem precisar usar de um tão aviltante.

—Foi ao fogo pe Santo Antonio?

—Eu não perco esses pagodes.

—Que houve por lá?

—Desordens e mais desordens.

—E' *sina* das funcções daquelle bairro acabarem em barulho.

—Entre outras, presenciei a de um inglez na camueca que appareceu no largo, convidando as creoulas—*senhorita, quer dança com migo?*

De momento, uma sucia de moleques e capadocios fizeram um circulo, metteram o inglez no centro e pozeram-se em evoluções de petelecos; a policia ahi junto nem cavaco dava com a estúpida brincadeira, que faziam com um homem fora de seu juizo!

O inglez enfezou-se e começou a distribuir soccos a direita e a esquerda. Foi então que a policia achou opportuno tomar parte na dança, mas de uma maneira singular.

—De que maneira?

—Dando com as coronhas da pistola no inglez e atirando-o de fio comprido ao chão, para depois leval-o preso.

—A policia compriu com seu *dever*.

—O *dever* della era desde o principio *acommodar* os moleques e capadocios, não consentindo metterem o inglez em *carambola*.

OS PARENTES.

(Conclusão)

Em geral os peiores parentes são sogras, e não sei por que desde a antiguidade se diz que—sogra nem de barro a porta.

Observa-se que, quando as sogras acham maridos muito amorosos, e derretidos com as filhas, ficam tollas, e por isso entram a ter desejos extravagantes, e a quererem governar mais a casa do que os donos; e muito triste é apparecer, em dia de função e que a casa está cheia de visitas de cerimonia, uma sogra de saia e capona para visitar os netos, que muitas vezes já são doutores ou deputados.

Entre parentes jocosos e enfatuados, conheço uma velha pobre, porem tão cheia de vaidade que quando vae a casa da neta, por ser esta casada com um figurão, quando bate a porta pergunta de papo cheio com um tom magistral de conego velho—está em casa sua excellencia minha neta? Na verdade, muita bobagem ha na tal historia de parentes; uns a se inculcarem, outros a se esconderem; mas para acabar a questão, a minha opinião é, que verdadeiro parente é pae e mãe, e a estes devemos amar e respeitar sem attender a cores, nem circumstancias; que quanto ao mais, parentes são classificações que a sociedade tem admittido, pois mesmo a mulher com quem se casa é um parente grudado ou enxertado, e quando ella é má, é peor cem vezes que uma sarna que se aparenta com o nosso corpo.

Os senhores de engenho no reconeavo aproveitam-se do titulos de parentesco, para pregarem calotes pequenos uns aos outros, mandando escriptos tratando por primos, e pedindo emprestado porções de telhas, tijollos, fôrmas de faser assucar, e taboado para caixões, que nunca mais pagam.

Em suma findemos este artigo de parentes para não pensarem que fallo nisto para se lembrarem dos meus, que por modestia nunca oscitei, e nem tirei a minha arvore de geração, quando alias era motivo de eu engrandecer o meu nome, porque consta de livros antigos que meu pae, que Deus haja, era parente muito chegado do imperador da China, e do grande Napoleão, e de ambos por linha nobre por ser filho do primeiro casal de Adão e Eva, porém siquem certos os senhores leitores, que não cito isto para exigir excellencia, e nem para me julgar melhor do que os outros, antes ao contrario eu sou de toda e qualquer pessoa, o menor servo e amante.

LA VAE VERSO.

AMALGAMA.

Ja no rubro azul do firmamento

No branco occaso a aurora se escondia,
E nos ardores da torrente fria,
No ar parado, sibilava o vento.

Por entre os gelos do abrasado polo
Nonagenaria joven se queixava,
E em pé com cabeça sobre o solo
Em silencio, berrando assim fallava

Da loura Aglae os labios de azeviche,
Um dia carranculos me sorriram,
E sobre a verde relva de um trapiche
Para longe, bem longe, me attrahiram.

E ledo o coração todo em tormentos,
Em delicias folgava de torturas,
Sem ter alma, so com pensamentos
Repousava em coxins de pedras duras.

Gelidos fios de risenho pranto
Quentes subiam pela face abaixo,
E eu, na impureza de um amor tão santo
Fiquei gelado qual ardente facho.

Era alta noite e o sol já dardejava
Do brilhante zenith raios sombrios!
O negro tope ao longe branquejava
Os turbulentos, socegados rios.

Ai, triste della! então se via
Longe de mim, cingida em meus braços
E no mais gostoso enleio então carpia
Podres cadeias de insoluveis laços.

Qual o cadaver que a se deitar na cama
Todo nu com as mãos nas algibeiras,
Ja do lavado corpo espargue lama,
E dirige petas sempre verdadeiras;

Tal eu fiquei; porem de modo opposto,
Perante tão formosa scialdade,
A contemplar de olhos tapados
Que sem mentir jamais fallo verdade.

No mesmo assumpto (preto)

SONETO.

Um cego, analysando uma pintura,
A um surdo, disse baixo: — Não stá boa! —
Um mudo, que era o autor com isto asôa,
E logo, em alta voz, vingar-se jura.

Vem um doido, e, com fallas de brandura,
Tenta a bulha acabar: eis logo sôa
Bofetada sem mão que tudo atroa
E começa maior desenvoltura.

Ao ouvir tal barulho e vituperio,
Entrevado, que á annos não bulia,
Os corre a pontapés p'ra o cemiterio.

Eis surge um abbade que alli jazia
E, reassumindo o antigo ministerio,
Faz a todos entrar p'ra confraria.

Á PEDIDO.

Para melhor dar conhecimento aos leitores de quem seja *Cazuza*, *frasquinho de veneno* vamos esboçar-lhe a feia catadura.

Frasquinho de veneno é um homem de 50 annos, estatura regular, ultra magro, tez livida e macillenta, olhos pequenos, embaciados e traçoceiros, cara oval, completamente desprovida de carne como todo o corpo. Parece mais um esqueleto ambulante que um ser animado.

Duas profundas covas que tem no logar das bochechas, tornam ainda esse personagem de um aspecto medonho. Desde creança (é dito mesmo pela sua gente) revelou a mais decidida vocação para tudo quanto é infamia e picardia, e pouco tempo faltou para que as pozesse em pratica.

E por isso o publico tem sido sabedor dos factos por elle praticados.

Filho mau e degenerado, pae desnaturado, irmão ingrato, parente detestavel, amigo traçoceiro, são as qualidades em que prima, alem de outras, e eis a principal rasão de viver segregado de todos os seus.

Descripta assim syntheticamente as suas feições phisicas e moraes, no seguinte numero principiaremos a sua hedionda biographia.

—A tal gente do olho vivo é ousada e insolente!

—Fizeram alguma empreza atrevida?

—Espancaram a um agente de policia.

—Elles são capazes de mais.

—Na sexta feira, foi um agente de policia por ordem da authoridade prender ao famigerado Viriato; depois deste preso, reuniu-se a companhia acantonada na rua da Larangeira e, capitaneada pelo celeberrimo Antonio Severiano, não só arrebataram o preso, como espancaram ao pobre homem que estava cumprindo ordens.

—São desses factos que reclamam severa correccão, para que não se reproduzam pela impunidade.

—O que vale é que o delegado, que, segundo creio, foi quem expediu a ordem, não é de brinquedos.

—Capitão, o alferes Marinho ficou massado; tem dito perolas.

—Elle é o culpado, tudo de mais é sobra.

—Capitão, foi chegar de Santo Amaro e dar parte de doente.

—Mas não perde um espectáculo.

—Para V. Ex. ver o escandalo.

—Quem acha pau faz colher.

—Capitão, requerem tres mezes de licença com vencimentos para se tratar.

—Sem duvida de beriberi; acho justo o consentimento; e é até uma felicidade, por que deste modo livram-se os companheiros do rixoso contacto; os animos tranquilisam-se, e as cousas melhoram por algum tempo. *Nec semper Lilia floret*.....

O Sr. Dr. chefe de policia deu terminantes ordens, para se fecharem as vendas as 9 horas; mas não estando por isso o ilhéu *Porrão do Penedo*, conserva sempre aberta a sua até as 9 horas e meia e as vezes vae até as 10 horas e em um dia que dormiram os vendedhões *marido, mulher e filho*, esteve abandonada até 11 horas, com admiração dos freguezes, e mais pessoas que pela Calçada transitavam!

Chico-mi-gallo.

—Capitão, vou contar a V. Ex. uma scena burlesca e ridicula, que presenciei na freguezia dos *sanhaços* entre o juiz *Xico Vacca das Montanhas* e o *sub-delgado Dr. frei Glicó*.

—Quem são estes dous meliantes?

—Eu lhe digo: o primeiro é um sujeito que causa nojo fazer-lhe a descripção, um ente quase irracional, que tem a cara maior do que o corpo, ignorante em extremo, insolente em demasia, amigo de intrigar e calumniar aquellas pessoas que estão muito accima d'elle por seu character e honestidade, so porque não pertencem ao partido da azemola que se diz ser d'elle um sectario dedicado, tendo em outras eras pertencido ao partido opposto com o que lucrou por vender na qualidade de eleitor a sua lista por quatrocentos bicos.

—Ah! é dos taes que só tem politica por negocio, continue.

—O segundo é uma pezeta sem fé, sem religião, sem crença, em tudo semelhante ao primeiro, com uma unica differença que é ser da familia fradesca e ser formado em *engenhos*.

Estes dous tropiantes, por desgraca daquella freguezia, occupam um o cargo de *juiz de guerra* e o outro de *austeridade policial*.

Acontece que em um dos dias da semana passada indo o Dr. *frei Glicó* a casa do juiz *capitão Xico Vacca* receber d'elle uns papeis, sobre negocios eleitoraes, foi recebido na porta da rua pelo celeberrimo juiz com a mais indisivel grosseria, passando logo a insultar ao Dr. *frei Glicó*, que assim atacado em seus brios mostrou que era filho de pae, brincando ao seu adversario com os epithetos mais injuriosos.

—Dous espadachins.

A vozeria, capitão, era admiravel: pareciam duas messalinas do becco do Grêlo a se espatifarem. Era um gosto ver o *frei Glicio* arregaçando as mangas da casaca e desgrenhando os cabellos em attitude de capocira, gymnastica que lhe é muito peculiar, em virtude de ter recebido instrucções no pateo do convento com os escravos da confraria, e dizer para o *Xico Vacca*—sahe para rua, patife e safado, juiz de trampa, que te piso a cara com o salto dos botins. O *Xiquinho* que por ser muito valente bem mereceu o alcunha de vacca, tendo a porta bem fechada por causa das duvidas, gritava na janella como um possesso, battendo com os pés no soalho, fingindo que uma pessoa o agarrava—largue-me, senhora, largue-me, que quero ensinar a este patife.

Os moleques, que tinham-se reunido para ver o desfecho do banzé, passaram uma vaia nos dous sobreditos cujos, acompanhada de assobios e fóra o juiz vacca, fóra o filho de frade, e assim acabou-se a comedia.

—Pobre freguezia, que está entregue a dous canalhas que affrontam assim a moralidade publica.

—Capitão, V. Ex. conhece o *Tiburcio*?

—Que *Tiburcio*?

—Um sujeito que a mulher o chama *gallo cego*.

—O *Pereira* ja me fallou uma vez de um *gallo* ou *pinto cego*, mas não o conheço.

—Dá-se com o *Souza* V. Ex.?

—Muito.

—Pois é quem lhe pode informar as façanhas desse heroe de quem vou tratar.

Esse individuo veio corrido da *Catadupa*, por não ter lá mais a quem calotiar e vive agora de casa em casa, para não pagar os alugueis, soffrendo sempre citações.

O tal safado agora acaba de fazer um grillo de 200\$ rs, e diz que está favorecendo a victima de sua ladroeira.

—Está me parecendo que conheço este heroe?

—Elle é muito conhecido de todos os habitantes da *Catadupa*.

—Não é um que casou-se e tem vendido todos os escravos e ouro da mulher.....

—Va por ahi,

—.....um que foi agora para o *mar pequeno* onde vive pescando dinheiro *griologicamente* dos africanos.....

—Estou em V. Ex.

—Vairo!.....

—.....um que se tem em conta de muito bonito, tanto assim, que tem uma *madama*, que dizem gostar d'elle pela *boniteza*!

—É muito bonito! Para macaco só lhe falta o rabo.

—Psio!

Ja sei quem é este cujo!

—Tem feito muitas tratadas!

—V. Ex. não sabe de um *rifão*, *cesteiro* que faz um cesto faz um cento?

—Tem razão de assim dizer.

Quer muito luxo, precisa sustentar a *pecora* e pagar-lhe a casa, ha de por força continuar nas tratantices,

—Aquillo é um descarado.

—Quem a vergonha perdeu,

Nunca mais pode encontrar.

—Neste caso o *gallo cego*,

Ha de sempre rapinar!

—O *delgado alarma*, nestes ultimos dias, anda da sala para a cosinha, pelos torpes factos de sua infame vida, que tem sahido á publicidade.

—E como não ser assim, si a ponta do azorrague tem lhe lanhado em regra a delavada cara?

—O cynico e amaldiçoado, logo que veio da antiga lusitania, fugido pelo assassinato que alli commettera na pessoa de um infeliz, homicidio revestido de todas as circumstancia aggravantes, pouco se demorou em *Latronopolis*, indo logo para o *maranha grande* unir-se aos seus, que, apezar de todos os empenhos tinham o receio de que elle estivesse de macho aos pés nos ergastulos do *limoeiro*.

Inesperadamente chegou, e em vez de arripiar carreira da vida que levava, metteu-se-lhe logo nos *cascos* ser homem de dinheiro. Para esse fim, abusando do poder paterno, com força armada marchou para raptar uma donzella rica e de familia distincta, porem o plano abortou, e elle se viu em calças pardas.

O infeliz pae quasi morre de paixão por mais essa iufamia do tractante, e mandou-o outra vez para *Latronopolis*. Alli principiam novas sendas de crime.

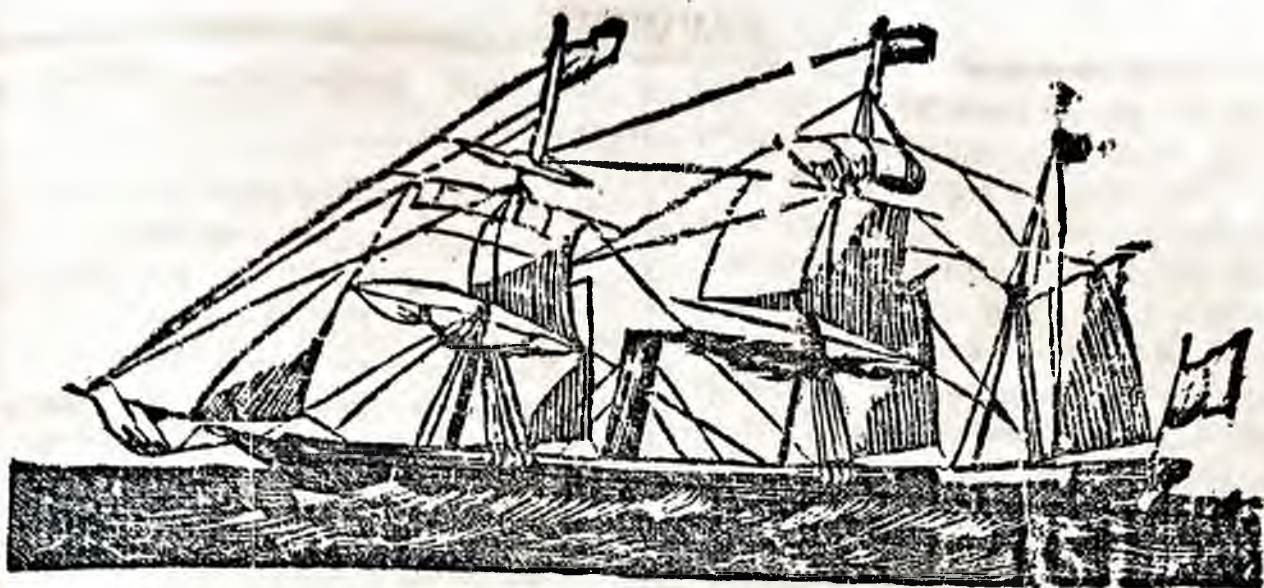
—Conte-m'os?

—Fica para o seguinte numero.

—Meu tio, que força pode ter o commandante de um corpo que seu subalterno dá parte de doente e a noite está com elle no theatro?

—Meu sobrinho, nenhuma; não só perde a força moral de seus commandados, como não pode manter a disciplina. Porém qual o motivo desta pergunta?

—Agora vou para Santo Amaro.... de volta lhe direi.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.^a

á rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Anno VI.

Preço d'assignatura—1\$ rs. por serie de 10 ns. ou 5\$ rs. por 6 series.

Serie 37.

BAHIA

5 DE JUNHO DE 1868.

N. 370.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
4 de junho de 1868.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que se acha em estado de ruina a casa n.º 87 ao largo do theatro e pedindo-lhe providencias a respeito, afim de evitar alguma desgraça.

—Ao mesmo, no mesmo sentido, dizendo-lhe que estão para cahir alguns talhoes em S. Bento, os quaes se acham com as paredes todas rachadas, e por isso espera-se que S. S. se digne de mandar despejal-os, depois do competente exame.

—A rua das Lorangeiras transformada em valhaouto de faquistas.

—De larapios, sabia eu.

—Pois são esses larapios mesmos, os quaes todos tem fumaças de valentões, que fazem dalli arena de seus pugilatos. Constantemente ha berreiros, ondes sahem facas e punhaes e os socios da companhia se aggridem mutuamente, ora por causa do *dividendo* dos gamados e ora pelos *peliques* que tomam na venda do Joaquim Gomes.

—O Sr. delegado de policia, se quizesse, podia chamar aquella gente ao rego, mandando-a para a Correção a primeira vez que

fizesse qualquer alarma e fazendo-a assignar um termo de vida mais commedida.

—Capitão uma declaração.

—Faça.

—A informação dada pela subdelegacia do Pilar ao Sr. Dr. chefe de policia em data de 27 de maio e publicada no *Diario* de 29 do do mesmo mez, não é exacta.

—Pois então rectifique.

—A parte, que diz que o homœopatha Carlos de tal vive publicamente; com uma moça que raptara em sua residencia á Praça dos Veteranos, é uma calumnia que muito offende a moralidade do proprietario dessa casa, por quanto o tal homœopatha so tem ahi seu consultorio. A raptada alludida, é publico e notorio que assiste em casa de uma familia em S. Miguel, onde o tal homœopatha está tambem constantemente e por tanto é para extranhar o fundamento com que a referida subdelegacia alterou assim a verdade dos factos.

—Informações inexactas, talvez.

—Em prejuizo da moralidade de terceiro.

—Com a sua declaração está restabelecida a verdade e cada um com a responsabilidade de seus actos.

—Viú esta noticia no *Diario*.

—Qual?

—A seguinte:

«Communição-nos:

Constando que a commissão dos festejos do

memoravel dia Dous de Julho não fazia os ditos festejos por falta do dinheiro, o Sr. barão de Sauipe dirigiu uma carta ao secretario da referida commissão, offerecendo-se para, por si só, e com o adjutorio dos 2:000\$ que dá o governo, fazer todo o festejos desse dia, que mui charo deve ser a todo o Brasileiro, e com especialidade aos bahianos.»

—Honra ao Sr. Sauipe.

—E si não é isso tinha mais esse *padrão de gloria* o reinado progressista, de passar despercebido o memoravel Dous de Julho.

—Isso não, que a commissão ja se moveu, veja a noticia do *Jornal da Bahia*, convocando reunião para hoje á noite em casa do Sr. Dr. Carneiro da Rocha.

—Depois da pedrinha no sapato.

—Antes tarde do que nunca.

—Veremos agora quanta patriotada apparece.

LA VAE VERSO.

SEM TITULO.

Quem é esse empavezado
Que ali vae n'uma berlinda,
Por fóra toda dourada
Por dentro rica e mais linda!

Arreda, povo, arreda!

E' fidalgo, é potestade,
Que desgraçou uma familia
Em nome da *Caridade*

Não toques no magnate; }
E' socio respeitabundo,
Dos que tem olhos no céu,
Mas unhas cá neste mundo.

E' chefe dessa irmandade
Que com astucia, geito e tino,
Faz do povo a sua escada
Para subir do fausto ao pino.

E' arauto, é passavante
Da cõrte de satanaz,
Que traz pobreza ao povo
Para ser deste o primaz.

Reduzir brasilio povo
A rudesza primitiva,
E' afan de aristocrata
Que persegue, que captiva.

Quereis vêr prova evidente
De tenaz perseguição?
Reparae em que mão anda
Do Brasil sua instrucción.

Vereis a hypocrisia
Dos jesuitas romanos,
Matar o patriotismo
Dos povos brasilianos.

Vereis que os filhos educam
Nas regras do fanatismo,
Para ter seguros servos
Que sirvam ao despotismo!

Eu que malho dia e noite,
Até chegar ao eançaço,
Não ganho para criar
Os filhos a quem abraço.

Ganho mil, p'r'o meu patrão,
Este paga-me um ceutil...
Inda assim de mim exige
Chapeau-bas, ser-lhe servil.

E' elle *grande* da terra!...

E' ricasso é muito rico,
Já nasceu sendo barão
Das bandas do Pico-nico.

Como eu, são milhões de outros
Que o patrão esfolta e assa,
Si fallamos em augmento,
Com ferros nos ameaça.

Busco então co'meu trabalho,
Lá nas brenhas ir viver:
Mas, barão quer ser mais rico,
Meu suor quer ver correr.

Arma gente, sabe a caça
Do que vive independente;
Agarra o filho do povo
E brada *siga p'r'a frente*.

E' elle *grande* da terra
Que o povo sempre escravisa,
Enrica do pobre a custa,
Com crimes se fraternisa.

São destes *excellentissimos*
Que formam cõrte devassa,
São essss moços fidalgos
Que de honras fazem praça!

Cumpre ao povo soberano
Solapar feudal dominio,
Profligar taes Malagridas,
Promover seu exterminio.

O sertanejo.

Á PEDIDO.

AO ILLM. SR. DR. CHEFE DE POLICIA,
AOSR. DELEGADO DO 1.º DISTRICTO
E MAIS AUTHORIDADES.

O abaixo assignado vem do alto da imprensa protestar contra José Lino Gomes Junior, e indigital-o como unico author de qualquer attentado, que por ventura lhe succeda; por ser elle o unico inimigo que tem. Bahia 4 de junho de 1868—*Maximino Dultra de Andrade.*

(*Continuação.*)

—Aspirantel

—Prompto.

—Vá buscar o esqueleto da perversão.

—O Charles Viars, capitão?

—Esse rebutalho da humanidade mesmo.

—E' n'um apice.

Levanta-te, verdugo da innocencia, allegoria da torpeza, imagem da concupiscencia, symbolo da incontinencia.

—Aonde me leva, Sr.?

—Segue e não repliques, animal immundo.

—Chegou a hora da expiação?

—Ainda não monstro.

.....

Capitão, aqui está o scelerato do pudor das familias.

—Bem. Amarre essa escoria do ser humano ao mastro grande em quanto dou certas determinações.

Estou com os ouvidos atordoados de peditorios por essa vibora infernal.

Cousa espantosa!

Inconcebivel spirito de beneficencia desta terra!

Em quanto a miseranda viuva, cujo marido se finou defendendo a patria, é deshumanamente enxotada da casinha onde mora, por que deve dous ou tres mezes de aluguel ao intractavel proprietario; em quanto uma ligião de mendigos pernoitam pelas soleiras das casas e adros das egrejas, sem que um so coração philantropico se lembre de iniciar a ideia de lhes dar um pouso, em quanto tanto rico indifferente passa ao pé do pobre que estrebueha á mingoa; ao passo que centenas de cidadãos, uteis á sua terra, victimas da prepotencia do governo, são amarrados e embarcados para o sul, sem que se erga uma voz que se interponha a seu favor, ha caracteres, alias respeitaveis que implorem por um perverso destes!

Amargo contraste!

—Pede-se pelos maus.

—Porem por um malvado, incestuoso, que nem a propria comadre respeitou?!...

Como é que se pede por um interminavel perturbador do socego das familias!

O vento abrasador do sul não causa mais estragos do que esta nefaria creatura onde penetra.

Peior mil vezes que a ponta ervada de um punhal, porque este fere o corpo e elle assassina o pudor, causa dores mais agudas do que o mortal veneno que mata violentamente, em quanto elle causa martyrios que pungem uma vida inteira!

Não!

Para um ente execravel desta ordem não pode haver clemencia!

—Admira, como um caixão de ossos des-

tes, feio como um macaco, alcança tanta cousa.

—Tambem a serpente é venenosa, mas tem o dom da fascinação.

(Continúa.)

MOTTE A PREMIO.

Mimosea-se com um volume ricamente encadernado a quem melhor glozar o seguinte motte:

No jardim deste teu peito
Fiz a minha habitação,
Com a minha propria mão
Eu plantei amor perfeito.

—As diabruras deste damnado salabardote são interminaveis.

—Quem é esse alma de chicharro de quem V. se occupa?

—O vigario de *Matatuim*.

—Ah, esse camapheu é a expressão viva da crapula e libertinagem.

—Está uma praticada por esse filho de Satanaz de fazer arripiar os cabellos.

O *Antonio Manso*, morador na *freguezia* onde sem *passé* ninguem reside, queria casar a filha com certo rapazola.

O vigario da *freguezia* do *passé* que acabo de fallar.....

—Que a aqui p'ra nós, é uma *joia* igual ao outro.

—La isso eu não sei; mas como ia dizendo, o vigario não sei o que achou de impelimento, que teve escrupulo de administrar o sacramento do matrimonio.

Recorreram ao vigario de *Matatuim*, que prestou-se.

No acto da confissão perguntou elle a moça:

«Menina, porque maneira V. entrelaçou a-misade com seu noivo?

«Tinha entrevistas á noite com elle pelo fundo do quintal?

«Dava-lhe bôquinhas?

«Dava-lhe abraços?

»Fez alguma couza mais além disso?»

.....
«Antes V. cazasse commigo, que eu lhe retribuiria melhor o amor.»

«Que noite feliz vae ter V.!...»

.....
«Pois bem, V. vae casar; so lhe peço que não se esqueça do padre que a cazou!.....»

—Isso é de mais.....não creio.

—Aquelle typo de impureza é capaz de mais nefandos actos, quanto mais isso.

—Mas agora reflecto: isso, dado o caso que se desse, foi segredo de confissão; como pode chegar a seu conhecimento?

—Porque a propria noiva relatou tin tin por tin tin.

—Horror!...

—E é preciso notar que esse chichisbeu de batina usou de phrazes que aqui não reproduzi porque o pudor me embarga a voz.

—Oh! que lascivo bargante! O muxingueiro já está caçado de retalhar a cara de tal bisborra do ser humano e o bruto não toma um resquicio de vergonha!

VARIÉDADES.

VOTO CONTRA.

Em uma villa do Lincolushire, na Inglaterra, verificavam-se ultimamente umas eleições, sendo dous os eandidatos; um delles, militar envelhecido em campanhas, tinha sempre o cuidado de lembrar aos eleitores os serviços que havia prestado ao paiz. Quando já se ia proceder a votação, sobe ainda a um banco, e clama com voz de trovão.

—Cidadãos, tenho combatido e tenho derramado o meu sangue pela patria. Ajudei a humilhar os russos, e venci os anarchistas indios. Tenho dormido nos campos de batalha, não tendo por travesseiro sinão a terra. Tenho pizado terra gelada até ficar cada pegada marcada com sangue.

Este discurso produziu viva impressão. Entre os ouvintes estava um sujeito a quem abalou tanto a narrção de tantos infortunios que lhe correm as lagrimas em fios pelas faces. Dirige-se para o orador.

O candidato ia continuar a elogiar-se, quando nota que aquelle individuo deseja fallar-lhe. O eleitor aproxima-se.

—O senhor não disse agora que tinha derrotado os russos e vencidos os indios?

—E' verdade.

—E não disse tambem que tinha dormido sobre a terra combatendo pela patria?

—Disse.

—E não disse, continua o eleitor, cuja commoção é cada vez mais viva, que marcou com o seu sangue o caminho que trilhava?

—Tambem é verdade.

O eleitor olha para elle com admiração, e depois, apertando-lhe a mão com força, diz:

—Nesse caso, vou votar pelo seu adversario. Que me leve o demo si o senhor não tem já feito bastante pela sua patria!

UM CONSELHO.

Lê-se no *Artista*, do Rio Grande:
Pedi um sugeito a um padre seu amigo que lhe ensinasse uma oração efficaç para salvação da alma.
Responden-lhe o padre:
«Rese ao levantar-se um *Padre-Nosso* e uma *Ave-Maria*; recite depois esta oração:

Senhor meu Deus, livrai me de um banqueiro arruinado,

De um pobre enriquecido,

De um usurario,

Da tutela de um procurador,

Do *qui pro quo* de um boticario,

Dos que juram pela sua honra e consciencia.»

A' sabida, o sacristão que ouvira a conversa, disse-lhe: ao que o Sr. prior lhe disse accrescento eu as seguintes utilissimas maximas:

«Para que não seja prejudicial o uso do café, cõese cuidado-amente antes de se deitar na chavena, juntam-se-lhe algumas gotas d'agua fria, meche-se, mistura-se-lhe uma pequena porção de quina em pó, e depois de tudo bem mechido com uma colher deitasse pela janella fora.

Para que se não molhe o *paletot* ainda que se vá pelo meio da rua sem chapéu de chuva: usar sempre sobrecasaca quando chova.

Para ir todas as noites ao theatro, e, em vez de gastar, ganhar dinheiro: ser porteiro ou arrumador na platea.

Para não perder nunca um centil nas loterias: não jogar nellas.

Para attingir em pouco tempo elevada posição: subir á primeira montanha que se encontre.

Para que as botas de polimento não mortifiquem nunca os pes: usa-las sempre de bezerro.

Para que seja inexaurivel uma garrafa de marrasquino: ir-lhe deitando desse licor á medida que se lhe va tirando, de modo que esteja sempre cheia.

Para que os homens não se tornem calvos: cortalhes a cabeça quando creanças.

Para nunca naufragar, ainda que se façam longas viagens: andar sempre por terras e ponto averiguado.

Para cortar ne'la raiz os estragos das toupeiras nas hortas: não fazer nunca hortas onde haja toupeiras.

Para que uma vela allumie como duas: corta-la-ão meio accender as duas metades.»

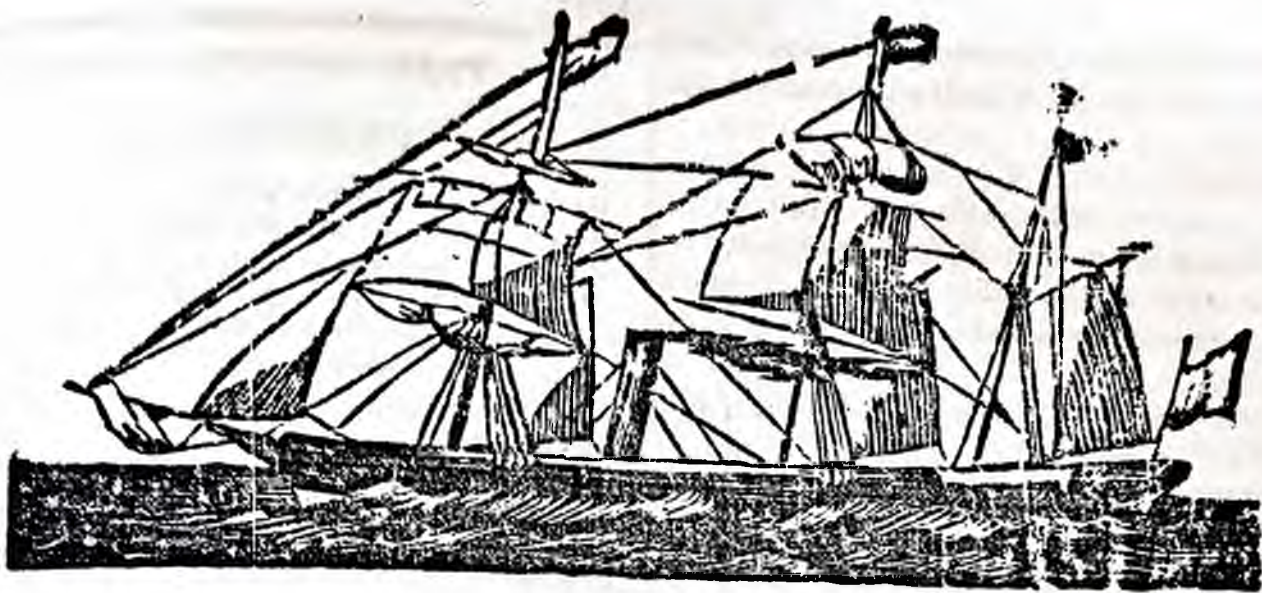
Fellipe; não sabes? Acabaram agora de me deitar a cara com uma excellencia.

—Sim? Olha, por isso a tens suja.

ANNUNCIOS.

Roubaram no dia 30 de maio da cocheira de J. A. Magalhães um cavallo russo pedrez com 6 palmos de altura, erinas grandes, novo e desferrado: quem o trouxer ou der inculca certa, será bem recompensado. Já uma vez foi carregado por um tal Antonio, morador ás Quintas das Beatas, que o levou até ao Pau Miudo e ao depois largou-o nas Quintas na roça de um moço, dizendo que era dos rendeiros e que se tinha soltado!

Ao Illm Sr. Dr. chefe de policia pede-se que lance suas vistas sobre a immensidade de vadios que ha por esses sitios, os quaes, não tendo em que gastar o tempo, occupam-se em fazer destas e outras peças aos moradores do logar.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.^a

á rua do Collegio n. 14, 1.^o andar.

Anno VI.

Preço d'assignatura—1\$ rs. por serie de 10 ns. ou 5\$ rs. por 6 series.

Serie 38.

BAHIA

6 DE JUNHO DE 1868.

N. 371.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
5 de junho de 1868.

Officio ao Illm. Sr. capitão do porto, comunicando-lhe que tendo-se por mais de uma vez reclamado contra o estado de obstrução em que se acha o canal da ribeira de Itapagipe, proveniente da agglomeração de caldeiras velhas, cascos e destroços de navios que alli depositam, nenhuma providencia se tem dado a respeito, com o que ha creseido o mal, o que não é ja so no mar como tambem em terra, difficultando o transito publico.

A' vista do exposto, recorre-se ao efficaz authority de S. S., de quem espera-se mais uma prova a bem do serviço publico.

- Leu o *Diario* de quinta feira?
- De cabo a rabo.
- O que me diz sobre aquella *encommenda* de uma columna inteira?
- Qual?
- A do baile do Gustavinho.
- Ah! aquillo é uma bambochata dos pecados.
- Viu que alluvião de palavras empolladas, que sinapismo de elogios?
- Louvor em bocca propria é vituperio.
- Ja é costume de *Bebé*.
- Naquelle faceta descripção sobresahe

em chiste o seguinte, digno de entrar na composiçõ de uma scena comica:

«..... na qual sobresahia com a mais perfeita distincão de trato e de maneiras o *par presidencial*, objecto das affectuosas attenções de todos os assistentes.»

—Está direito: a mulher do presidente é a presidenta.

—Isso é burlesco.

—Eu so estou como o *Diario* se presta a occupar uma columna inteira da redacção com tão stulta frioleira.

La o *Correio Natalense* tem suas razões para se prestar aos basofeiros caprichos de *bebé*; mas o *Diario*.....

—Que bello, edificante e moralizador quadro è aquelle!

—E' o mais transparente reflexo da civilisação da epocha!

—Quatro homens acorrentados pelo peccosso publicamente pelas ruas da cidade em seguimento da secretaria da policia, hoje sexta feira!

—Quem serão aquelles infelizes?

—Disseram-me que são recrutados que acabam de chegar do centro.

—Talvez sejam criminosos.

—Criminosos ou recrutados, é contristador presenciar-se n'uma terra civilisada como esta, homens, acorrentados, á laia de brutos.

—Esta casa penitenciaria anda sempre em *cataclysm*!

Tira administrador, põe administrador, muda de pessoal e a cousa sempre p'ra peor.

—Diz que o diabo tanto endireitou o nariz da mãe, que entortou-o por uma vez.

—A difficuldade tem sido na escolha.

—Pois olhe: dizem que quem está lá agora é um portento de intelligencia e um *catão* de probidade.

—Não duvido; mas o caso é que o chefe de policia dando outro dia per lá, alta noite, encontrou tudo no alteio.

A casa estava, como se costuma dizer, sem rei nem Roque.

—E V. se intromettendo com cousas que não é de sua conta! depois o homem lança-lhe um fulminante de—*pasquim nojento cuja calumnia se deve perdoar.*

—Dizem que o guarda da casa de Asylo negocia alli.

—O que, homem!...

—Venderam-me este peixe.

—Eu passo por la todo dia e ainda não vi la nenhuma quitanda.

—Esta agora é sua.

—Pode guardal-a.

—Pois so se negocia em quitanda?

—Então explique-se.

—Contaram-me que o homem collocou na casa de Asylo um daquelles objectos que *Bo-cage* glosou com motte e quem quer se sentar nelle ha de pagar dois vintens.

—Nada mais barato; por dous vintens a gente alliviar-se de um peso que, as vezes, manda um vivente para outra vida.

Mas eu creio que isso não passa de gracejo de algum garoto, que se quer divertir com o pobre velho.

—Não, Sr., quem me disse affiançou.

—Neste mundo cada um tem seu fraco.

—Estou por isso.

—A mania do caixeiro do Serafim é fazer papel de amostra de *certa prenda* que todo mundo traz occulta.

—E' serio isso?

—Garanto-lhe.

—Que sem cerimonia!

—Mas o patusco tem suas reservas. Não mostra a todos o seu dote.

—Não é publico então?

—Não: é verdade que elle não se faz rogar para mostrar a sua *prenda* as freguezas que vão comprar na taverna defronte da porta da Sé, muitas das quaes não lhe pediram tal favor.

—Ah bregeirote! Um pouco de agua-raz e polvora lhe tiraria a extravagante mania.

—Uma torquez afiada tambem servia.

Typos contemporaneos.

OS RUADORES.

I.

Troquemos agora o papel de Democrito pelo de Juvenal e Heraclito; o riso que nos arrancou o ridiculo pela indignação á perversidade, e pranto á dôr que occulta geme nas sombras do lar.

Devassemos a vida intima do ruador; d'aquelle que abandona e esquece a esposa e o filho pelos prazeres da rua; e n'estes, ora nas tavernas o ujugos, ora nos alcouces ou a palestrar sobre a honra alheia, gasta as horas que devera empregar na educação dos filhos, na convivencia da consorte, no bem estar em fim da familia.

E' triste o que ides lêr, mas é verdade, leitor.

Esse homem, que talvez mereceu do poder insignias e honrosos titulos; que tem uma posição boa na sociedade; que vos aperta a mão; que assenta-se entre os juizes de consciencia... é peor ás vezes que o miseravel calcêta, por elle mesmo condemnado!

Comparaí-os.

Este, rouba no desespero da fome, ou matou seu inimigo quando allucinado pela injuria: era bom: a força das circumstancias o impelliu ao crime. Foi por isso privado de sua liberdade por longos annos, e odiado de todos, e carregado de ferros, e coberto de trapos, e livido pela doença, eil-o agora no carcere, ou entre baionetas no trabalho publico.

Aquelle, jurando amor constante, estima e dedicação perante Deus, trouxe para sua casa a virgemzinha que feliz sorria entre os seus; aborreceu-a depois, e hoje,—si forçada pela angustia não transviou-se a miseria,—assiste impassível seu prolongado martyrio; da-lhe gotta á gotta o fel que a envenena, que sulca-lhe as faces, que lhe rouba as forças, que lhe faz brotar perenne o pranto... a desventura extrema. Teve filhos, e estes crescem no abandono, preparando-se na menina a prostituta, e no menino o crapula, o perturbador da ordem, o réu de policia; pois que todos tem por norma seu pae, o homem das ruas e casas de perdição!

O calcêta commetteu o crime em momento de loucura, fora de si, e portanto sem encher-gar o abysmo em que se precipitava. O ruador, frio como o punhal do homicida, o commette lentamente, hora por hora, durante muitos annos.

Si aquelle roubou... si assim privou a outrem de uma parte de seus haveres:—esto

priva a muitos da honra, da paz e da felicidade.

Este é o assassino, e o algoz de uma família inteira!

A sociedade pouco se importa com isto; não os compara; condemna aquelle, e abraça este: olha com indiferença para tamanhas atrocidades.

Nós, porém, leitor, rasgando o veu que os envolve, prolliguemos severos o malvado, e choremos com suas victimas.

Entremos, pois, em casa do ruador.

(Continúa.)

MARIDO E MULHER.

Vendo-se um homem e uma senhora aproveitarem todas as occasiões que se lhes offerecem, em qualquer sociedade, para lançarem epigramas um ao outro, deve inferir-se que são marido e mulher.

Vendo-se um homem e uma senhora na mesma sege sem dizerem palavra um ao outro, e olhando um pelo postigo da direita e o outro pelo da esquerda, pode asseverar-se que são marido e mulher.

Vendo-se cahir, por accaso, o leque ou uma luva da mão de uma senhora, e que o homem que está a seu lado não só se não curva para o apanhar, mas até consente que ella mesma o levante do chão, nenhuma duvida ha que são marido e mulher.

Vendo-se passear um homem e uma mulher a dous passos de distancia um atraz do outro, e que ao passar por um mão caminho, ou um regato, elle não dá a mão a mulher, e a deixa passar sem cerimonia, claro está que são marido e mulher.

Vendo-se uma senhora, cujas qualidades e prendas encantam a todos geralmente, excepto a um unico homem, o qual, pouco sensível aos elogios que ouve prodigalisar-se-lhe, falla della seccamente, tenha-se por certo que são marido e mulher.

Vendo-se um homem e uma mulher a ralharem continuamente um com o outro, servindo-se com tudo das expressões *minha querida, minha amiguinha, meu bemzinho*, pode dizer-se que são marido e mulher.

Triste e muito triste é na verdade para o seculo em que vivemos o serem tão positivos estes indícios, e que inculquem quasi sempre o laço que deveria ser o mais doce e consolador da vida! Ah! e quando se reconhecerão o marido e mulher pela ternura, confiança mutua, união de genio, cuidados reciprocos, e pelo prazer de estarem sempre juntos?

Este tão justo desejo talvez nunca se veja cumprido.

LA VAE VERSO. OS HEROES DE HOJE.

SONETO.

Qualquer bicho careta tem um nome,
So eu é que o não tenho por ser tolo!...
Nada, nada, é preciso entrar no bolo,
Quando não, ai de mim, morro de fome!

P'ra fazer com que a fama a si me tome,
Cumpre pois desde ja, criar miolo:
Vou tirar meu retrato para expol-o
E logo alcançarei alto renome.

Depois inda outro meio seguirei:
No *Jornal da Bahia* mui subtil
Louvores a mim proprio tecerei.

Conheço o meu talento, sei que é vil;
Porem da minha terra é esta a lei...
Assim se fazem heroes cá no Brasil.

A PERDIDA.

A perdida é como a cobra,
Tem veneno e tem pegonha
Faz de um homem rico, pobre,
Faz de um pobre um sem vergonha
(Canção popular)

Como das nuvens rehentantes passa
Subtil fumaça que nos deita ao chão,
Assim dos labios da mulher perdida
Cae baba unvida da mais vil traição,
Ah! não te chegues, marinheiro louco,
Foge ao cachopo que te quebra a não!
Foge que é tempo da fallaz serêa,
Ou vaes n'arêa naufragar do vão.

Quando a perdida te mostrar as facos,
Frias, mendaces como a mente sua,
Quando seus olhos de uma luz mortiga,
E a voz postiga te disser: sou tua.

Quando em requebros te pedir um beijo,
A' vil sem pejo não tributes fé!...
P'ra quantas frentes de uma gloria inclyta,
Capua maldita um lapanar não é!

Quantas cabeças de laureis cingidas,
Morrem cuspidas d'essas bocas vis!
E quanta infamia ou desespero nobre
O tecto cobre de seus maos covis.

A quantas dores não dão causa as loucas
N'essas tão poucas emoções que tem!
Hoje é a mãe que ao transviado filho,
Procura o trilho que o conduza ao bem.

Chora amanhã a desgronhada esposa
Por sobre a lousa de um edem de amores,
Vendo a perdida esfarfalhar por gosto
De seu agosto as mais viçosas flores.

Depois a infamia eternamento, a fome,
Velam um nome que bem nobre foi:
Embora o triste longas horas gema,

Antes que a extrema de sous malos soe!
Fogo, mancebo, d'esse vulto exguio,
Cadaver frio do quo foi mulher;
Que nos destroços de sua alma gasta,
Já não se engasta uma emoção se quer!

Sobre uma inculca endurecida pedra,
As vezes medra bem cheirosa flor,
Porém no peito da mulher perdida
Morre inanida do perfeito amor!

Não vos-lhe o tédio n'esses mornos beijos,
N'esses bocejos que dos lados sahem?
Se o outro falta não a vez esquiva,
E rosa viva se as moedas cahem?

Depois um dia nem do ouro o zelo
A alma de gelo lhe dará calor!
Então, mancebo, que crueis martyrios,
Que roxos lyrios, que terrivel dor!

A outrem dado o que comprar quizeras
Co'as primaveras da existencia tua!
Louco de amores a pedir indulto,
E alem do insulto a zombaria sua! . . .

A! não, não julgues n'essas cinzas priscas
Achar faiscas nem se quer amores!
Em seus alcouces não terás repousos,
Em vez de gosos acharás só dores!

Athos

À PEDIDO.

—Capitão, no domingo 7 do corrente, ha revista do batalhão dos *tortos e aleijados*, e aquelle que não comparecer com a sua blusa vae para o cagarrão!

—Teremos Lopez no Brazil; de quem é tanta ameaça?

—Do commandante, que para dar esta ordem, na revista passada, foi preciso requisitar força de um dos corpos destacados em *Latronopolis*: a presença desta força requisitada fez com o D. Quichote caturra se revestisse de certa gravidade, e desse a seguinte ordem —quem não comparecer fardado de hoje ha 15 dias, será prezo.

Não se acredita que um commandante para disciplinar seus commandados, peça força estranha; so quando se tem de requintar qualquer batalhão é que assim se pratica; si não tem força moral deixe a espada e a banda.

—Si eu fosse deste batalhão, capitão, na ocasião de semelhante scena, lhe faria as as continencias com armas de S. Francisco, que são aquellas de que os *tortos e aleijados* dispoem.

—O que a officialidade disse a isso?

—Os que compareceram são ainda mais ridiculos do que o D. Quichote Caturra, não sabem elles que figura triste fizeram e fazem,

uns com as fardinhas a balão, outras com o dorso direito como um anzol; são verdadeiros guigós-

—Na verdade, rapaz, representaram moral e physicamente um papel degradante, e terão animo ainda de comparecer na revista de domingo?

—Ora, si as hemorrhoidas os tem atacado muito nestes tempos.

Rapaz ha na botica de 7 portas, um medicamento heroico, chamado prompto allivio, quando estiverem atacados que façam applicação delle, pois que os *tortos e aleijados* não tem culpa de seus padecimentos.

VARIEDADES.

MEDIQUINHO.

Um estudante de medicina, que andava nisso havia ja um par d'annos, e com o mesmo proveito que por ventura tiraria se la andasse ainda mais aiute, era o alvo dos epigrammas de toda a estudantada.

—Serio, serio, lhe perguntou uma vez um dos enfermeiros do hospital, o senhor que è o que sabe ja encarregar-se-hia de um doente?

—Conforme! lhe respondeu o pobre rapaz. Sendo pequenino, parece-me que o que eu ja sei bastaria; la para homens feitos, isso é diferente.

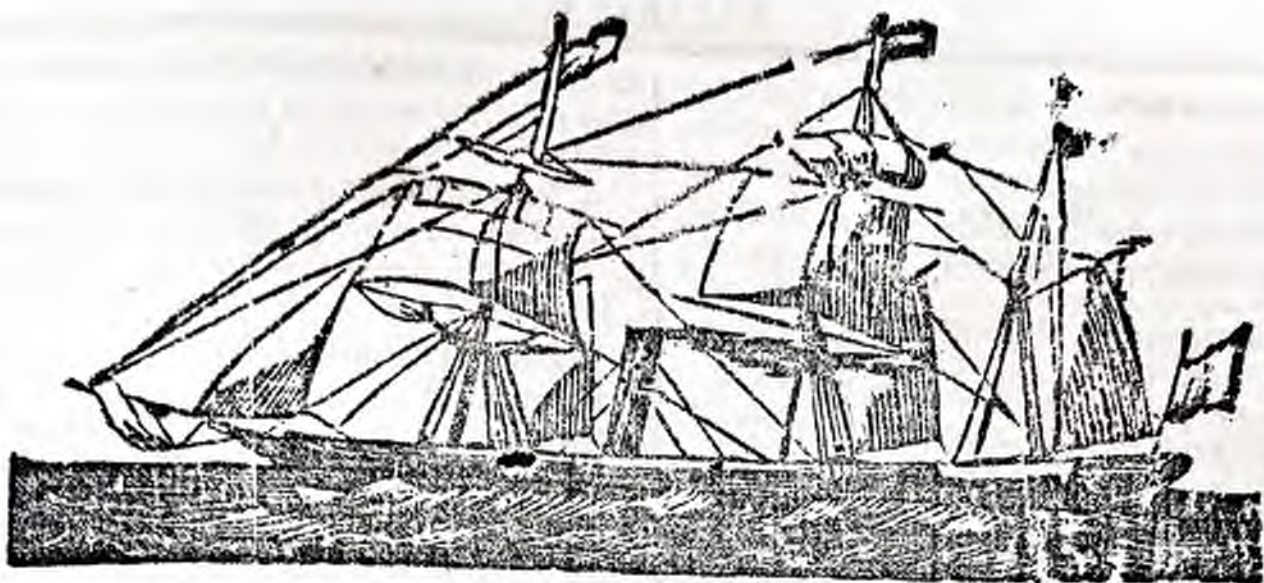
Perguntou alguem a um desgraçado, cuja jiqueta era um crivo de buracos, se sentia frio.

—Como quereis que o sinta, respondeu o pobre, si com a facilidade com que entra assim sabe.

ANNUNCIOS.

FOGOS E MAIS FOGOS E SEMPRE FOGOS
PARA AS VESPERAS DE SANTO ANTONIO,
S. JOÃO, S. PEDRO E O GLORIOSO
DIA DOUS DE JULHO.

Só na Loja Flaviense de Antonio Emigdio de Souza, á rua do Guindaste dos Padres n.º 24, é que se encontra um grande e variado sortimento de pistollas, foguetes do ar, craveiros, fortes espadas encouraçadas, chuveiros, fortes espadas encouraçadas, chuveiros, rodinhas grandes e pequenas, traques da India das primeiras marcas, ditos de maça, ricas sortes para presentes, candeias e bichinhas, photographias magicas e feiticeiras. O Annunciante garante ao respeitavel publico desta capital, que em parte alguma serão tão bem servidos como na loja acima, por ter mandado fazer os seus fogos por encomenda e a capricho, só afim de bem servir aos seus freguezes, pois escolheu os primeiros fabricantes desta capital, e como se acha com um grande deposito está resolvido a vender tudo por muito menos que em outra qualquer parte, e por isso espera ser preferido, pois ninguem quer ser mal servido.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.^a
à rua do Collegio n. 14, 1.^o andar.

Ano VI.

Preço d'assignatura—1\$ rs. por serie de 10 ns. ou 5\$ rs. por 6 series.

Serie 38.

BAHIA

9 DE JUNHO DE 1868.

N. 372.

O ALABAMA.

Este é o segundo numero da serie 38 do *Alabama*.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
8 de junho de 1868.

Officio ao Ilm. Sr. inspector da illumina-
ção publica, reclamando contra a reluctancia
do accendedor da ladeira de Santa Thereza,
que teima em apagar os lampções muito an-
tes das 4 horas da madrugada.

Espera-se que S. S., na intenção de bem
desempenhar o cargo que dignamente lhe
está confiado, providencie á respeito.

Portaria ao aspirante pedestre João de
Deus, ordenando-lhe que dirija-se a ladeira da
ladeira e intime ao negociante Ferraro a
cautella de trazer preso o seu formidavel cão,
o qual investe e morde a quem por alli passa,
como succedeo, ha dias, ao cidadão Braz de
Moura, que ficou com uma perna dilace-
rada; advirta-lhe que embora S. m. pagas-
se a multa, e dêsse dez mil reis pelo prejuizo
causado, não é isso que compensa o dam-
no que soffreu áquelle cidadão em sua saude
e seu traje, e o que pode vir a resultar a ou-
tro qualquer, que tenha a infelicidade de cair
nas garras daquelle fero animal.

—Ao Sr. João Pinto da Silva, convidando-
o para que, logo que esta receba, venha a

bordo deste navio, em companhia do Sr.
Herculano Dantas, para *deslindar certo ne-
gocio*. Cumpra.

—Ha duas noites ninguem pode pregar
olhos nesta rua do Tijollo!

—Aquillo é que chama-se perfeita obser-
vancia da postura n.^o 60, que a policia 'man-
dou ha pouco avivar.

—Um maldito *batucajé*, dentro da cidade, a
atordoar os ouvidos da gente fora de horas!

—Parece que as authoridades e patrullhas
ensurdeceram com a zoadá do tabaque e des-
tempero da cantilena, que não ouvem tão in-
fernal labirytho!

—E' um desaforo!

Tanta gente encommodada por causa des-
tes africanos moradores na casa n.^o 24!

—O que se ha de fazer, si quem pode não
quer valer?

—Capitão, ouça esta que V. Ex. ignorava,

—Declare-se.

—Informaram me que os homens, que vie-
ram encangados pelo pescoço e saltaram sexta
feira na ponte da Companhia Bahiana, eram
cinco.

—Mas aqui chegaram quatro.

—Em consequencia de morrer um no ca-
minho.

—Foi um de menos que ficou.

—A respeito deste, o meu informante con-
ton-me uma de arripiar.

—Pode dizer sem reboço.

—Que tendo fallecido e como o commandante da escolta não podesse tirar-lhe a corrente, mandou serrar-lhe o pescoço para safal-a! . . .

—Que estúpida selvageria!

—E enchem todo dia a bocca com o barbarismo do povo paraguayol

—No sabbado á noite andou uma baderna de sujeitos, muito conhecidos por seus feitos, a encommendar o socego publico, com algazarras e alarmas em casas das *mulheres da vida*.

—Si a policia fosse mais previdente não se daria disso.

—Na rua do Collegio, fizeram as todas: não houve casa que não levasse pedradas e descompostura.

—E a policia impassivel!

—Appareceram dous soldados; porem foi o mesmo que la não fossem, porque os turbulentos não os levaram em conta.

—Ja leu a *Luta nas trevas*?

—Ainda não.

—E' um folheto pequeno no volume; porem grande no assumpto, que publicou o Sr. A. de Carrascosa, alludindo a passagem da esquadra brasileira ás correntes de Humaytá.

—Parabens ao patriotismo do Sr. A. de Carrascosa.

—E reconhecimento pela lembrança que teve em distinguir-nos com um exemplar de seu apreciavel livrinho.

—O *Oraculo das donas e donzellas*—é um livrinho que traduziu e publicou o Sr. Z. N. Silva Freire para distracção das senhoras.

—Ao Sr. Silva Freire toda animação pelo cuidado que toma em recrear o bello sexo.

Typos contemporaneos.

OS RUADORES.

(Continuação.)

II.

Alonzo, o esposo da joven Carmem, d'essa formosa moça que, ha dous annos, consquistava nos salões o sceptro de rainha, não só pelo fulgor de seus olhos, como pela ingenuidade de seus sorrisos, trocou ha poucos mezes sua casa pelas ruas da cidade, onde procura distrahir-se.

Antes de casar-se, a casa que mais frequentava era a de Carmem, da virgem de suas melancolicas scismas, e dos sonhos suaves de suas noites. Carmem correspondia-lhe o seu

amor com egual ternura, tornando-o a flor de suas esperanças.

Effectuou-se o consorcio.

A' luz das tochas do hymineo, quem, sabendo da apaixonada affeição que ha muito ligava os noivos, e vendo-os rubros pelo calor do coração, não diria entre si:—quanta felicidade os aguarda!

Foram felizes, sim; mas a felicidade durou apenas um anno—tempo da lua de mel e seu crepusculo.

Apagaram-se as chamas do amor n'alma de Alonzo, apparecendo logo o frio do tedio. Então, aborrecido, despresou a vida intima do lar pelos prazeres da rua.

Nos primeiros dias de perdição, ao voltar para casa á noite, Alonzo encontrava Carmem afflicta e muita vez chorosa; arrependia-se e protestava emmendar-se,—mas no dia seguinte, entrevendo os gosos de que pretendera fugir, alucinado esquecia os seus protestos.

Hoje, Alonzo é um dos mais constantes ruadores. Apenas nas horas da meza e do leito dirige-se á casa. Taciturno entra; em completa mudez permanece ao lado da esposa; e se esta aventura uma pergunta, elle responde com indifferença, e logo retira-se.

E a infeliz outr'ora tão amada do esposo, que hoje abandona-a impiedosamente sem lembrar-se que o abandono, a solidão, e o amor-proprio offendido são muitas vezes causas invenciveis do crime?

Carmem chorou a fria indifferença de Alonzo, desejando nas horas de maior afflicção o descanso do tumulto. Abandonada, ella entregava-se a dor; o pezar prohibia-lhe o trabalho; o pranto sulcava sem tregoa as suas faces outr'ora rubras e aveludadas; mil pensamentos a turbavam. . .

—Despresa-me. . . aborrece-me. . . achame certamente feia e insipida;—dizia ella, e então o anjo do mal levava a ao espelho e dava-lhe a convicção de sua formosura.

—Não ama-me mais!—dizia ella com profundo desgosto, e então o anjo do mal trazia-lhe á mente as juras de amor de tantos mancebos, que julgar-se hiam felizes possuindo-a.

—Ama certamente a outra. Em quanto desprezada eu choro, elle repete aos ouvidos d'essa mulher apaixonadas phrazes!—dizia ella, e então o anjo do mal inspirava-lhe a vingança.

Um dia, quando Carmem estava entregue a estas cogitações penosas, appareceu-lho formoso mancebo, e com a eloquencia da serpente do Eden dirigiu-lhe apaixonado estas palavras:

—E' longe ainda a hora de teu emmurcheer, bella flor! A luz do sol, o canto das

aves, o perfume do tuas irmans, o murmúrio dos arroios, e os suspiros dos euros derramam mysterioso encanto sobre as campinas. Porque emmurchecer n'aurora da vida, quando tantos gozos te esperam? O que te falta, o que aneias, o que suspiras? Amor? O meu coração é todo amor! Dedicção? Sou teu escravo! Paixão... delirio?... Es bella, e eu sou ardente! Prendem te os laços do consorcio? Não! O consorcio é um contracto entre duas creaturas; quando uma esquece, e despreza, a outra pode desprezal-o e esquecer-o; a falta de uma authorisa a falta da outra. Esse homem de quem fallas, eu vi, ha pouco, ao lado de outra mulher. Vem, pois... Vinga-te de sua indifferença... Corramos ao seio do prazer... Amemo-nos... vivamos...

Tornou-se emminente o perigo.

—Grande Deus! ella escuta o genio do mal...

Suspende teus passos, fraca mulher! Em vez do tremedal do vicio, procura o seio d'essa religião. cujos preceitos aprendeste no collo de tua carinhosa mãe... corre ao templo... vae refugiar-te aos pes dos altares... Lá encontrarás a consolação, a paz de espirito, e a salvação d'alma... em quanto que na prostituição te aguardam a miseria, o embrutecimento, os crimes—as dores do corpo e a perdição eterna!

Era o seu anjo tutelar que assim lhe bradava; porem a miseranda não o escutou... prostituiu-se.

O que aconteceu depois? O que acontece sempre.

A sociedade abraçou o eriminoso Alonzo, e cuspiu na face da victima.

(Continúa.)

Á PEDIDO.

—Capitão, fiz uma colheita excellente.

—Bom; isso é o que serve.

—Recrutei de uma so vez, toda essa canabada que ahi vê; nessa enfiada de patifes, não ha um que se esperdice; em cada qual prima safatez, deboche, immoralidade, latrocinio e descarração.

—As comissões desempenhadas por V. são sempre satisfatorias.

—Bondade de V. Ex.

—Justiça. Mas, ao que serve; passe a fazer carga a esses casmurros.

—Vou começar.

1.º—Padre Quiabro duro, ou por outra padre nagó, cara de vaqueiro, barrão da *capellania* de Pijará

Este phariseu é um catalogo de perversidades e sordidez.

Tom a malignidade de valer-se do confissionario para persuadir á pessoas credulas e de boa fé a que façam testamento, nomeando-o seu testamenteiro. Baptisando a dous filhos do uma miseravel mulher, teve a incrivel audacia de assental-os como escravos para depois de muitos annos, combinado com alguem, querer escravisal-os.

A sordidez domina-lhe tanto n'alma, que tem o repugnante displante de lamentar, que em sua *capellania* morra tão pouca gente que nada lhe rende!

A crapula está encarnada neste energumeno; e o adulterio é um dos requisitos, que dão-lhe incontestavel direito aos afagos do muxingueiro.

Seduziu a mulher de um seu freguez *Ze Diz e deria* por antonomasia, e com ella tem escandalosamente relações clandestinas,

Confessando a um enfermo, conhecido pelo *Feliz Condeialá*, de quem tinha rixa, commetteu o horroroso attentado de valer-se daquella hora suprema, para dar-lhe uma bofetada!

Tendo seduzido a uma sua parenta e com ella tido tratos incestuosos, arranjou ao depois um casamento com um primo da dita, sendo elle o sacerdote que confessou-a e casou-a!...

—Pare. O que tenho ouvido é de sobra.

—Ainda não ouviu metade, capitão.

—Dispenso. Passe a outro.

(Continúa.)

AO EX. SR. VIGARIO—DEPUTADO FIRMINO.

Exoro, supplico e rogo a V. Ex. se digne de ler com attenção o discurso proferido pelo deputado—Campos Salles na assemblea provincial de S. Paulo (transcripto no Jornal do Commercio de 16 de maio do anno que corre, sob o n.º 136,) em que esse distincto parlamentar apotheosa, deifica, diviniza o vigario do Rio Claro: è um mimo em trôco do demaisiado, e injusto (ao menos pela sua generalidade) aparte de V. Ex. (ministro de um Deus de bondade, apostolo de uma religião—cuja divisa é a caridade fraternal) —os professores são corruptos e corruptores,—atirado sem caridade, sobre uma classe de empregados pobres, mas em these, tão honrados quanto V. Ex.

Um professor.

PUF! PUF! PUF.

AS PEDRAS PRECIOSAS DERRETIDAS EM LUXO!...

—O valentão de *Arves*, oriundo da *Costa*, refinado ladrão das pedras preciosas, deu-se de roubado n'um anno ja passado.

—Como foi isso, então?

—N'uma sexta feira para sabbado, de noite, tendo o socio *Varnardo Papagaio*, dado certa quantia a guardar, para, no dia seguinte, levar para a cidade da *Catadupa*, o barbas brancas deu assalto no armazem, e limpou o dinheiro e parte das *pedras preciosas* que existia no cofre!!!.....

—Explique-se, que não entendo. Então so levou parte das *pedras preciosas*?

—Sim, porque quiz fingir-se roubado por algum negro ou pessoa ignorante do que é *pedra preciosa*.

—E precisava elle fazer isso em sua propria.....

—Tanto precisava que o fez e a prova é que agora anda semeando dinheiro, e diamantes com a *Totonia filha de Jerusalem*, passeiando em carro; sempre em pagodes e orgias, ostentando luxo, vaidade, e pouca vergonha, á custa dos pobres socios, a quem roubou e rouba escandalosamente com a mais cynica descarração.

—Esse tratante galego andava curtindo uma grande borracheira com a tal celebre *delambida*, na festa do *Paraclyto* em Santo Antonio, onde quiz esmurrar todos quo encontrava.

—E porque?

—Foi a taberna do *Xico*, á quina do largo de Santo Paduano, onde estavam algumas pessoas suadas pelo calor, querendo beber; e como o tal gallego com a *mariposa* julgasse que o vinho e cerveja não chegavam para elles, entrou a provocar e querer brigar o que fez sahir todos; e o dono da tasca gostando, por que ambos são galegos.

—Synonimo de burro.

—O tal barbaça *Arves*, selvagem, vallentão encheu os dedos da engraçada filha de *Jerusalem* de aneis com diamantes e *derretendo* os outros em luxo, passeia impunemente.

—E' preciso dizer a esse gallego, atrevido borracho e estúpido que se emende de suas velhacadas, e continuas desordens; porque um dia pode ser-lhe fatal o seu atrevimento e insolencia. O numero de victimas da mordacidade e desavergonhamento de tal labrego é immenso, e pode ser que, quando menos o espere, venha a sofrer esse desertor do *Limoeiro* pela sua inculcada valentia.

VARIÉDADES.

A MOSCA E O TOURO.

Tendo uma mosca pousado sobre o costado de um touro, recebeu incommodal-o com o seu peso; e para não deixar occulto esse receio disse-lhe:

—Sr., queira desculpar minha confiança; mas si o

peso o incommoda, vôo para outra parte; não tem mais do que mandar.

—Quem me f'lla, perguntou o touro em um tom ameaçador.

—Sou eu.

—Quem?

—Sou eu mesma.

—Oh, senhora mosca! sois vós que me fallais? Socegai, que não pesais tanto como imaginais; e de certo, o allivio que hei de sentir quando vos retirardes ha de ser egual ao peso que experimentei quando em mim pousastes.

Ha muitas pessoas assim; julgam-se de grande importancia e não passam de ser mosca; de sorte que, inchadas de vaidade tornam-se o escarneo de quem lhes conhece o valor real.

PRUDENCIA.

Um marinheiro estava para embarcar-se em um navio que partia para a India. Um individuo, que se julgava mais sabio que este marinheiro, lhe perguntou:

Meu amigo, onde morreu teu pai?

Em um naufragio.

E teu avô?

Quando ia á pesca, levantou-se uma tempestade tão furiosa, que foi submergido com a barca.

E ten bisavô?

Morreu tambem em um navio, que se quebrou contra um escolho.

Como pois te atreves tu a arriscar-te ao mar, quando todos os teus antepassados abi tem morrido? E' preciso que sejas bem temerario.

Senhor homem prudente, respondeu o marinheiro, fezei-me tambem o favor de dizer aonde morreu vosso pai?

Mui soccedamente na sua cama.

E vosso avô?

O mesmo.

E vosso bisavô?

Da mesma maneira.

Ah! senhor, como vos atreveis pois a metter-vos na cama, se todos os vossos antepassados n'ella tem morrido?!

ANNUNCIOS.

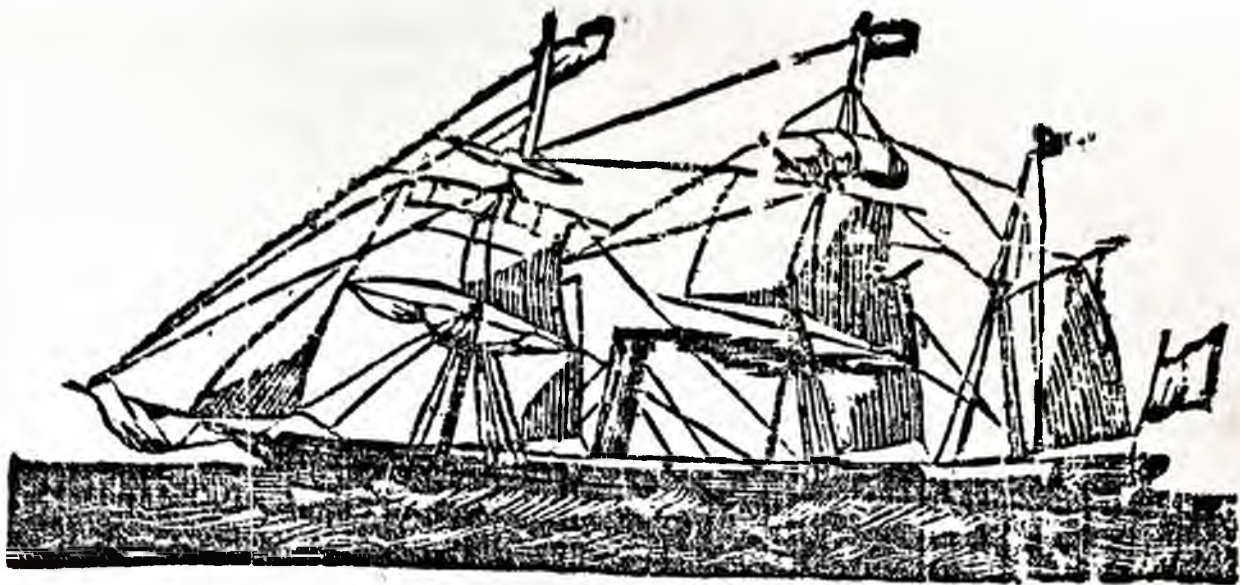
Fugiu do abaixo assignado no dia 5 de maio do corrente o seu escravo nagô de nome *Simeão*, que terá do idade 45 annos, alto, magro, bastante fulla, rosto descarnado com falta de um dedo no pé esquerdo, costuma trabalhar nos trapiches de carvão de pedra; foi escravo do Sr. Manuel José de Almeida Couto quem o trouxe a Baixa dos Sapateiros n.º 42 terá 50\$000.

Francisco Antonio da Rocha Solposto,

AO PUBLICO.

O Garibaldi declara as pessoas que lhe quizerem honrar, que se acha installado á Baixa do Bomfim, com bons petiscos, café, doce e tudo quanto diz respeito á regalos de barriga.

Cheguem, portanto, rapazs.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.^a
à rua do Collegio n. 44, 4.º andar.

Anno VI.

Preco d'assignatura—1\$ rs. por serie de 40 ns. ou 5\$ rs. por 6 series.

Serie 38.

BAHIA

13 DE JUNHO DE 1868.

Ns. 373 e 374.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
12 de junho de 1868.

Portaria ao fiscal da Sé, ordenando-lhe que
va intimar a quem mora na casa n.º 14 ao
becco do Arcebispo, para que não continue a
atirar para rua embrulhos de papeis com
mascaia; e bem assim que deixe-se de aroma-
tisar os narizes da visinhança com essencia de
sal-amoniaco. Cumpra.

—A rua de D. José está intransitavel; é
perigo passar por ella.

—Alguma casa que está para cahir?

—Ao contrario, o precipicio é ao pé d'uma
que estão levantando.

—Como?

—Atravessam umas poucas de carroças na
rua que atravancam-na toda, sem deixarem
por onde se possa transitar; a não ser que
alguem se queira arriscar a ficar esmagado
contra a parede.

—O fiscal da camara está livre disso por
que não passa por alli.

—E que passasse!

Ha gente que tem olhos e não vê,

—O que não lhe faz conta.

—Roubaram a caixinha das esmollas da
capella do Senhor dos Milagres ao largo do
Paranhos.

—Olhe que os larapios nem com Jesus
Christo têm condescendencia!

—O menino, que o desalmado mestre tor-
turou com um ferro em brasa, falleceu no
hospitaal de charidade.

—E esse monstro ja foi preso?

—Fez-se de vella.

—E anda longe a esta hora.

—Dizem que elle está bem pertinho e de
baixo de *coberta enchuta*.

—Mas tão *resguardado* que a policia não
é capaz de descobri-lo.

—E' verdade. Tanto assim que ha quem
affiance que elle não foi, nem será preso.

—Providencial capote é o do patronato!
Aquelle que se cobre com elle, não sente o
frio das contrariedades.

—*Santinha* é a vagabunda de lingua mais
solta que tenho visto.

—E ha quem goste de vel-a desfiar aquella
meada de torpezas.

—A prova é que ainda hontem quando ella
folheava na praça o seu vocabulario de obsce-
nidades, o Sr. Azambuja mandou lhe dar
2\$ reis e comida.

—Receia que lhe bula nas teclás.

—E as familias que se vejam expostas aos
insultos de tal insolente, porque a policia não
tem accção para corrigil-a.

—Ha dias então que está insupportavel.

—Como hontem que estava com a viperi-
na lingua afiada como navalha.

Depois de dizer muita palavrada por essas ruas, foi a pastellaria do Marcollino e insultou-o acicamente injuriando sua familia. O homem, que não é desses de soffrer, esmurrou-a e ali temol-o travado um *perry*. *Santinha* bradou, o povo ajuntou-se e queria que o homem fosse preso mesmo á noite.

—Entretando que nada disso haveria, se houvesse mais cuidado em que taes vagabundos não enchessem as ruas.

—E o que se hade fazer? Não sabe que a casa para mendigos virou carvão?

—Mas a policia pode obrigar-os a assignar um termo. Isso quando não exterminasse, aliviava o povo de semelhante praga.

—Um carro da Companhia de Vehiculos ia matando um menino no largo do Theatro.

—Quando?

—Na terça feira.

—O menino tem vida para cem annos. Caído entre as rodas do carro, não soffreu a menor contusão!

—E o boleeiro?

—Creio que foi chamado á policia, e *reprehendido*

—Ora viva!

—Na quarta feira tambem um carroceiro que conduz barro para uma obra do Sr. Lacerda, a rua da Misericordia, ia pisando um homem que não conheci, pelo estouvamento com que queria virar a carroça; em cima alterou-se.

—Estes facos hão de se dar frequentemente, em quanto não houver uma medida preventiva que severamente infunda aos taes boleeiros a obrigação de serem mais cuidadosos.

—A camara municipal tem estado em movimento.

—Deveras?!! Ou isso é cassnada?

—Fallo serio. No dia 9 andou tudo em reboço.

—A diligencia da camara assemelha-se ao movimento da preguiça.

—Não brinque que a cousa é grave.

—Bem mal que estão as nossas cousas, mettidas nas mãos de semelhante gente.

—E V. a dar-lhe, sem saber do que se trata!

—Do que é que tratam então?

—Das carnes pesteadas, que tem vindo ao mercado.

—Ora vá resar pelos defuntos! Pois a camara mais indolente do que um mussulmano, vae la gastar seu tempo em ninharias?

—V. so trabalha para me atrapalhar o capitulol!

Não sabe que o presidente officiou a cuja a respeito, por causa da celeuma que se levantou em razão de espalharem que em certo dia mataram uns 18 a 20 bois mongos para o consumo; o que coincidio com a implicancia que os fiscaes andaram fazendo um dia destes com uma porção de carne podre, depois de parte della vendida?

—Ah, é isso? O *inglez* ja viu tudo; não precisa mais nada.

—Ora de xe-me com as providencias desta terra!

—Não se altere, rapaz.

—Pois leio no *Diario* de terça feira que o chefe chamara a attenção do commandante de policia para a iudifferença com que as praças-viam as tropelias que commettiam os moleques pelas ruas, passo por detraz da Sé e vejs-dous moleques a se esbordoarem de cacete e um soldado de policia em pé na loja de miudezas do Falcão a *apreciar* aquella *graca*!

—V. tambem quer tudo á risca!

—Si ha de se dar ordens para não serem cumpridas, antes não dal-as.

—Ora deixe-se disso; accommode-se.

—O partido conservador mandou celebrar uma missa por alma de seu distincto chefe o senador Euzebio.

—Ja é sabido.

—E só entrava na igreja quem ia de preto.

—Isso era com os moleques.

—Não Sr., com pessoas decentemente vestidas.

—E' pèta.

—Assevero; dizia o sentinella que o Sr. Dr. chefe de policia dera tal ordem, porque sendo a igreja pequena e os *convidados* muitos, so deveria entrar estes.

—Nesse caso seria mais commodo se mandassem distribuir cartões de entrada.

—Nada de pilherias, o santuario do Senhor não é casa de baile.

—Não foi o que V. disse? que só entravam os convidados?

—O que V. ha de dizer é isso: que nas festas religiosas, principalmente da quaresma, uma chusma de rapazes malcreados vão fazer quanta bandalheira ha, e ninguem os manda enxotar dahi.

Este anno, houve por mais de uma vez, até bofetadas nos sermões da quaresma.

—Nesta terra vê-se cousas!

—O internato das mulhoes ia pegando fogo.

—Por um tris não arde o edificio
 —Que pena não seria para o Sr. Barbosa que tão boas obras tem feito alli, ver devorado pelas chammas o seu padrão de gloria.
 —E logo agora que o digno director está ausente.

Typos contemporaneos.

OS RUADORES.

(Continuação.)

III.

Eis-nos em casa de um dos mais assiduos ruadores—Decio.

Entremos.

A sala e tudo mais d'essa habitação achase mobiliado com extrema pobreza, e a desordem dos moveis denuncia profundo desgosto—d'aquelles que, nos entorpecendo, torna-nos indifferentes ao que nos rodeia.

O aspecto de Martha, consorte de Decio, evidencia melhor a infelicidade que peza sobre a familia.

Bom Deus! que pallidez e sulcos em suas faces! Quem conhecendo-a na ventura, conhecera-a hoje na angustia? Quem dirá que aquella virgemzinha spirituosa, risonha, formosa, tão adorada de seus paes, tão amada dos mancebos, tão querida na sociedade,—é hoje essa mulher calada, triste, pallida, desalinhada, e infeliz?... Onde aquelle spirito, aquelles mimos, aquellas ventura? Porque já não desfolha em seus labios aquelles risos tão doces de outr'ora? Porque já não canta aquellas lindas e saudosas balladas?

Martha é o symbolo do desgosto e do infortunio,—é a esposa de um d'esses homens perdidos que todo o seu tempo gastam nas casas de jogo.

Desilludida, chorou amargamente, e então, em vez de lançar-se nos prostibulos, como o fizera Carmem, ella ajoelhou-se ante a Imagem da Virgem, orou como ora o desgraçado, e quando ergueu-se possuia valor bastante para supportar os maus tratos de seu marido.

Martha é pois a esposa resignada, ou entorpecida pelas magoas. Carregando a cruz de seu martyrio, perdeu o gosto de enfeitar-se, dando logar ao desalinho. Enrola os cabellos no alto da cabeça; traja um vestido de chita velho, desbotado, prezo á cintura e com as mangas descidas, deixando apparecer o cabeção de madapolão, que n'um velho chale de lan esconde, si vac a janella, ou si recebe visitas.

N'este estado, não a condemneis. Lembrae-vos que ella apenas recebe do marido o necessario ao alimento; e si isto não basta, di-

zei-me: quem foi que mudou-a assim? Si foi, ou não esse homem cruel que, desprezando-a pelo jogo, matando-lhe todas as suas aspirações, escarnecendo de seus sonhos, de suas innocentes illusões, fez-lhe a existencia um pezo, um tormento continuo?

Não condemneis a martyr porque não se enfeita, porque não ama os gozos da vida: condemnai ao author d'essa obra nefanda: elle, sim, merece maldições, em quanto a victima pede lagrimas.

São trez horas da tarde.

Decio entra em casa sem olhar para a consorte e filhos, e dá logo signaes de seu mau humor.

Que importa a necessidade que tem um a mulher de communicar ao seu companheiro não so o que se passa em seu coração, com o tambem sob o tecto que habitam? Que importa que a filhinha, que se avizinha d'essa educação de perigosa, em que o amor assalta o coração da mulher com tanta influencia sobre a cabeça... precise dos conselhos de seu pae?

O perdido em nada d'isso repara: só um pensamento o preocupa—o jogo!

Ao entrar grita frenetico:

—Vamos com o jantar na meza; andem depressa!

—Vae, botar-se ja, homem; tenha paciencia... espere um bocadinho,—diz Martha correndo á cozinha, porque receia os insultos do marido.

Decio continua preocupado: tira apenas o palitot e deita-se no sofá. Momentos depois grita zangado:

—Olá, gente! Então não se aprompta hoje esse jantar?

—Paezinho, diz a filha que de um lado o contempla triste, o dinheiro não chegou para a lenha; foi preciso mandar o Gregorio procurar uas cavacos...

—E' porque tua mãe é uma desmantelada, uma preguiçosa... Não ha dinheiro que lhe chegue, tudo é pouco... E' porque não lhe custa a ganhar!

Que exemplo para a pobre menina... Como se afflige ella! E o que conclue ouvindo estes disparates? Das duas, uma:—ou que o pae é mentiroso e mau, ou que a mãe é na verdade desmazellada e preguiçosa. Concluindo de qualquer modo, infallivelmente deixará de amar, e até aborrecerá a um dos seus progenitores.

Martha ouvindo a oecusação que lhe faz o marido, responde:

—Homem, si não chegou hoje, foi porque do dinheirinho que você deu para o comer, eu tirei dous tostões, comprei panno e linha, e concertei a roupa dos meninos, que estão nus.

—Si a dona da casa não fosse descuidada, não acontecia isto... Ainda ha poucos dias comprei tanta roupa para casa o ja vem dizer-me que os meninos estão nús!

—Ha mais de um anno, reclama a pobre mulher, que você so nos dá o triste dinheirinho para comer; o mais gasta lá nos seus passeios da rua, não sei com que...

—Como que não é da sua conta! Posso gastá-lo, porque sou eu que o ganho... e não a senhora, que é a preguiça em pessoa!

—Está bom, homem; basta: não precisa fazer tanto barulho...

—Si assim continua, abandono a casa; isto não é vida, é o diabo...

E dirige-se á meza e apressadamente engole os bocados, como si o fizesse em uma casa incendiada.

Findo o jantar, sem unir as mãos para agradecer ao Deus de bondade a refeição que, por sua infinida misericordia, acaba de conceder-lhe, ao passo que tantas creaturas sofrem as torturas da fome; sem unir as mãos para que a familia o veja resar e tome-lhe o exemplo,—elle, o mau pae, o mau esposo, o mau christão, accende o charuto, abandona a casa, e vae para o jogo...

(Continúa.)

CRENÇA DA ACTUALIEADE

Creio que os progressistas são os verdadeiros paes da patria e que trabalham para sua prosperidade;

Creio que a assemblea está ha quasi quatro mezes trabalhando sem dar a lei do orçamento, para mais cobres ir chupando dos cofres *latronopolitanos*, ja tão phthysicos;

Creio que o *Sabujo*, com sua vasta *intelligencia*, tem trabalhado para a prosperidade de *Latronopolis*;

Creio qua os voluntarios devem ir algemados para guerra, porque vem do latim—*voluntas tua*, que o governo progressista traz por—*forçados pela vontade da patria*;

Creio que o Dr. *João Pinguinho* tem trabalho para a prosperidade e adiantamento da estupidez *normalistica dos internos*, sobressahindo o seu *carinho e medeixes* para com as internas, que elle com a sua arte *normaliologica* não as deixa sahir como entraram, e mesmo para *moralidade* da escola;

Creio que o porteiro dos internos anda passeiando, *porque está doente*, e o director influa por *charidade*, para que elle tenha licença, afim de *tractar* de sua *saude*;

Creio na impudencia do conego *Círi*, levando bofetadas da negra *Margarida*;

Creio que o padre *Cazuza* conserva castidade, entrando para casa de uma meretriz,

sambando toda a noite e sahindo de manhan para celebrar o santo sacrificio da missa;

Creio que o padre *certo rio* deve ser canonisado pelas suas virtudes, que é ir para onde está a creoula *Balbina* de sua paixão comer moquecás;

Creio que o padre de *Latina ambrosiada* tem a virtude de deitar-se em uma rêle com a sua *Lucilinda* ao pé, e de porta aberta para quem quizer ver;

Creio que certo frade deve ter uma pensão do governo, em vista de estar com uma fazenda cheia de gado, producto de trez vaccas;

Creio que o padre *todo lindo* faz *internamente* o papel de *Zé Roberto*, isto é, arranjando *internas* senhoras para o Dr. *Pinguinho* *ensinal-as* á ser *professionaes*;

Creio que o aceio da cidade vae em grande *progresso* e a prova está na ladeira do *Novo Caminho*, a qual, pelo aroma *trampapes* que exala, tornou-se *intransitavel*, assim como tambem não deixam de imital-a outras muitas ruas, cujo *aromatico chupapes* fica perto da visinhança dos senhores narizes da *illustrissima*;

Creio que o estrangeiro *Amato* tenha força para o *Sabujo*, pois este o protege cegamente até com prejuizo dos nacionaes;

Creio que os tratantes aqui são homens de bem, e que os homens honrados, na phrase *progrssiologica*, são tratantes;

Creio que a mulher que se casa por formosa, deve ter velhice trabalhosa;

Creio que o burro na sciencia de *Hypocratis* deve nos jornaes annunciar fazer cura milagrosa, sendo este o meio unico de passar por grande cousa;

Creio que os voluntarios, que ali andam mutilados, devem implorar o pão da charidade, para mostrarem que o governo de *progresso*, regresso lhe chamo eu, cumpriu á risca a promessa;

Creio na *intelligencia* do *Bertelameu* e no seu *catholecismo*, declarado na assemblea do *pio-monte das imperiaes artes*.

Au revoir.

Á PEDIDO.

—Em que porto estamos?

—*S. Francisco.*

—Cidade ou villa?

—Ignoro.

—Vamos a terra.

—Ja.

—O' charo amigo?

—A seu dispor, men amo.

—V. presta-se a dar-nos esclarecimentos sobre esta terra?

—Com muito gosto.

—Principie por dizer-nos que edificio é este com uma desmesurada serra no frontespicio?

—É a habitação do immediato em segundo logar do sobre-delgado.

—É um excellento distintivo; quer dizer que elle serra todos os abusos como authoridade, não?

—Qual, meu Sr.! Si elle é o primeiro tro-piante desta terra?

Quer ouvir alguma cousa á respeito desse bisborria?

—Porque não, si nós viemos aqui para isso?

—Este pobre diabo aportou a esta terra ha das silvas agrestes e era conhecido por Zeze. Quem o trouxe foi o Adriano ferreiro em Santos, então amasio da mãe dessa des-presivel creatura.

Aqui vivia a trouxe e moche e nimguem fazia delle o menor caso, porem hoje ja quer campar de cousa. apezar da sua nihilidade e da pouca importancia que lhe dão as pessoas de consideração; porque apezar dos pezares, o poreo sempre é porco, e o seu logar é o tijuco.

Apontarei algumas das muitas prendas que ornam esse joia, para que por ellas se conheça que tal é o traste.

Fallecendo a mulher do *Abelha-arde*, recebeu deste 70000 rs. para dar ao vigario pelas despezas do enterro e usando do subterfugio de que perdera 5000 rs. so entregou 2000 rs. Quem não soubesse das tretas desse madrasso, ficaria de veras acapitado de que perdera o dinheiro ao ver o fingido vexame com que elle o procarava pelas ruas.

—Essa caraminhola si o vigario engoliu é porque quiz; por que a perder, elle perderia todo dinheiro estando emassado junto.

—Bifou dous gordos capões do Felippe Andrade e embora filado com o furto na mão, arriminou-se e quiz brigar.

O vigario ainda foi victima de outra gentileza: tendo um homem grave, da Mãe de Deus, dado-lhe 7000 rs. para dar ao vigario pelos direitos parochiaes de obito de um seu escravo, elle chamou a seu caderno.

O negro Benjamin do engenho do *Esposo da Virgem*, pertencente ao barão das *Trairas*, era seu freguez de prata e ouro.

—Freguez de ouro como?

—Toda a prata ou ouro que achava desgarrado em casa, aganhadava e vinha vender ao tal *galfarro*. Descoberto o preto, foi a surra e tudo confessou. Esse preto ainda hoje existe no engenho dos *Mabaças*, e pode ser interrogado.

(Continúa.)

PEDE-SE.

Ao Illm. Sr. inspector da fazenda que se digne de fazer cumprir fiel e religiosamente o regulamento da thesouraria de 6 de abril passante.

Com isso os empregados carregarão não so com as muitas disposições onerosas que no mesmo existe, como gosarão tambem de alguma favoravel.

Espera-se pois da justiça que sempre preside os actos de S. S. a fiel e religiosa execução do citado regulamento.

DIALOGO ENTRE O BALBINO E O PEIXOTO PEIXATO.

—Ouviste no sabbado os foguetes da comieira do *primitivo*, Balbino?

—Ouvi e por signal que pensei que eram pelo a cabamento da guerra, antes de saber que eram pela comieira do *primitivo*;— mas é que veio-me agora uma ideia associada ao acabamento da guerra que vem a ser—o destino que teve o producto da subscrição promovida ha meses pela commissão do governo (que não poupou nem a mendigos, nem a africanos) e que devera montar a grande somma; pode informar-me alguma cousa a respeito?

—Ora essa é boa; pois perguntas a mim quando debes perguntar a mesma commissão que por sua dignidade tem a obrigação de dar contas de si?

—Pois bem, Illma. Sra: commissão do governo para os festejos da freguezia de Santa Anna, desejo saber que destino teve o dinheiro que arrecadaste na freguezia, porque tambem concorri com meus cobres.

(Continuando do n.º antecedente.)

—Estou com a palavra, capitão.

—Prosiga.

—O 2.º personagem do grupo. é o tenente *Dureza*; boi laranja, barriga de egoa prenhe.

Este velhaquete comprou seis bois ao *Feliz-aberto* de Sá e passou uma letra; no vencimento della teve o descarado arrôjo de negar a firma e a divida.

Em *Abre-antes* esteve preso e processado por tentar assassinar a um inspector de quartirão no cumprimento de seus deveres.

Emprega a homens livres em seu serviço, e não lhes paga o trabalho; e quando estes respingam, ameaça-os com recrutamento e contingente.

Pechineiro refinado, faz *meio-dia* em casa dos vizinhos e assim vae passando vida bocagiana. Muitas pessoas queixam-se da as-

siduidade com que esse lorpa frequenta-lhes a porta nas horas de se pôr a mesa.

Outras, cansadas de sustentar semelhante alarve, tomaram a deliberação de trancar a porta ás horas da refeição, porque so assim se podem ver livre da pontual e enjoativa visita de sendeiro tão comelão.

A stulta fanfarronice deste animal de infina raça é querer passar a força por branco, quando elle é reconhecido *grauçá* dos mangues de *Ataca-aranha*; e para isso cita a sua genealogia que diz provir do *Marco Lino*, como si descender do *Marco Lino*, conhecido por escravo do *Luiz de Britto*, que o vendeu ao *Muniz* proprietario da fazenda *Barretto*, desse alguma honra!

Em summa, este bugre é dotado de uma sagaz rapacidade á toda prova, e os pobres roceiros é quem podem dar testemunho disso, porque são os que mais tem soffrido os effeitos das ligeirezas de mão deste animal caval-lar.

(Continúa.)

—Ja se tem invocado a intercessão do inelias *Bernardo minimo*, para que faça com que o *Tavares* entregue a aquella Sra. da Conceição da Bocasinha o trancelin, que este tratante bifou á titulo de emprestado.

E' preciso ter um coração de ferro, é preciso que o homem esteja despido de toda consciencia para roubar de uma pobre senhora aleijada, que apenas tem a noite e o dia por seu, aquillo que ella tem como meio de sua subsistencia!

Oh! Sr. *Senna*! tenha consciencia, tenha vergonha, ao menos por que o Sr. é casado e pode sua senhora ler este e outros artigos.

Oh! Sr. *Senna* que dirá seu *filho*, quando vir o pae por esta forma em uma gazeta? que dirão seus amigos? que dirá seu compadre? que dirão tambem seus parentes, seus conhecidos, seus companheiros de repartição, e emfim seu honrado chefe? Todos dirão ao mesmo tempo —é um ladrão descarado e porco—!!! Oh! Sr. ainda quererá que repita annuncios, não será este bastante?

Veremos.

—Sr. *Garça-ia*, chegue á falla para explicar-me o motivo porque V. sendo caixeiro da *sociedade*, que tanto se queixa de ser victima dos ladrões, deixou escapulir o *Xeo* encontrado por V. com o saveiro carregado de asucar roubado; tendo ja V. o prendido á ordem do chefe, quando o encontrou atracado ao ponto 21.

—Foi á pedido dos guardas.

—Mentira, calumniador. Si o soltaste foi para não comprometter o saveiro que não era do *Xeo* e sim do *Antonio Panella*, parente do contra mestre de *barco sem vellas* da casa.

E ainda tivestes o cynismo de dizer que soltastes o homem porque elle não era do *Caes do Ouro*!

Dize-me agora para que vives continuamente a contar mentiras a teu amo e a inventar intrigas de tua mexeriqueira caxolla, quando a pessoa a quem te referes não te dá tal confiança?

Pois ha quem se rebaixe a pedir misericordia ao canalha peor que veio de Portugal?

Quem será mais ladrão;

O calumniado ou quem abusando do logar que lhe confiam, apprehende porção de asucar furtado e em vez de entregar ao dono, manda para sua casa, onde negocia com o *contra mestre*, apesar de querer passar por *pio* e o *Antonio das Panellas*?

Dize-me si aquellas peças de fazenda encontradas no n.º 26 foram para a mão do calumniado ou para a casa de um gallego ladravaz; si as seis saccas de café encontradas no 75 não foram para a *tasca* do mais indomito larapio que ha no *Caes do Ouro*?

Para refreares essa maldita lingua contarei a historia de umas tonelladas de carvão, e não so tu, como alguém que se fia em tuas labias, ficaram comprometido.

Hei de chamar a attenção do senhor dos quattros pretos com quem fizestes combinação para ir depositar os roubos na casa do *quilandeiro* novato.

E contarei outras muitas gentilezas.

(Continúa.)

AOS PROGRESSISTAS.

PARODIA DA MODINHA—QUAL QUEBRA AS VAGAS DO MAR

Qual berra o touro zangado,
Espalhando as duras fragoas,
Assim do *progresso* as magoas,
Traz ja tudo embezzerrado;
O seu destino é rufado
No tambor de *seu senhor*
Andam todos com horror,
Vibrando suas patadas,
Por não subir as escadas
De seus futuros de amor.

Si o sol desponta é tormento,
Si o sol se esconde se deitam,
Si a brisa passa se enfeitam
Por que so gostam de vento;
Mas eis que chega o momento
De acabar as pepineiras;
De empregos e mamadeiras

De encher mais a barriga,
No progresso de uma figa.
So de crassas ladrocinhas.

Homens, é lei do mau fado
O querer ser scrigaita;
Marimbão ja não é gaita
Nesta terra de Tupy;
Tão pouco somos saguy
Para morrer de carelas,
Deixae de mamar nas tétas
Dos pingues cofres do Estado,
Basta ja o estraviado
Do Urugay ao Itaquy.

O anjo da morte pousa
Na frente dos *progrescistas*
De Norte a Sul as desditas
Estão traçadas na lousa;
Escripto com qualquer cousa
Este epitaphio fatal:
«Findou o *progresso do mal*,
«Morreu de morte macaca
«E ao *tra tra* da matraca
«Ja no inferno repousa

B. C. Dæmon.

—Sabe, capitão?

—O que?

—O tal J. Matheus do internato ja esgotou a licença de 3 mezes, e em vez de ir tomar conta do seu logar de porteiro, continua a andar muito lampreiro pelas ruas e nas egrejas: parece um noivo na lua de mel.

—E' porque o homem é *progressista* e tem protecção.

—De quem, capitão?

—Ora essa! de quem pode e manda.

—Então quer V. Ex. dizer que os chefes o protegem?

—Que duvida! E ha cousa melhor nem mais saborosa do que ganhar assim o dinheiro da nação?

—Por isso está elle gordo e *remoçado*, entretanto que o substituto, *coitado*, é quem aguenta com o pesado serviço, adiantando, até *sem o minimo interesse*, o seu dinheiro para fornecer os internatos.

—Si assim o faz, é por que pode e tem alma grande. Ora diga-me si esse pobre Matheus estivesse agora no exercicio do emprego, como poderia sem fundos, fornecer os internatos?

—Ignora V. a crise, em que se acha o cofre provincial?

—Ora, capitão! Podia recorrer ao director do internato, que é um padre abastado, e ha pouco comprou um sobrado por um par de contos de reis. Estou que o não deixaria ficar mal, e por isso os estudantes não morreriam de fome.

—E V. sabe se o J. Matheus é da confiança e do peito desse director para merecer semelhante favor?

—Mas V. Ex. mesmo não disse que o Matheus era protegido e que por isso não ia á repartição?

—Sim; mas note que ha várias especies de protecção.

Ha protecção á *franceza* e á *ingleza*: ha protecção ás *direitas* e ás *canhota*, e até ha a do gato para o rato.

Indague que V. saberá

—Pois bem, capitão sigo o seu conselho, e vou indagar a especie; e breve voltarei.

VARIEDADES.

Havia um larapio que, ao deitar-se, costumava proferir sempre o seguinte:

—Senhor, não vos peço que façais chover as riquezas sobre mim, mas, fazei-me saber onde ellas estão, que eu as irei buscar.

BEM DITO?

—«Um homem mal casado da cidade do Porto, andava sempre de preto e até de furto no chapen.

Um amigo estranhando-lhe o continuo luto lhe perguntou a razão.

E' porque eu quero, respondeu elle, que quando me falleça a mulher pensem que tive algum sentimento por isso.»

Levert, celebre cirurgião francez, foi chamado ao paço, para assistir ao parto d'uma pessoa da familia real. O marido da princeza disse ao celebre parteiro:

—Deve estar contente por ter sido aqui chamado; isto da-lhe muita reputação.

—Si eu não a tivesse ja, de certo não me teriam chamado, respondeu-lhe Levert.

BOM DEFENSOR.

Eu não sei se li, ou se me contaram o facto que vou referir.

N'um sessão do jury, achando-se presente um réu pobre que não tinha defensor, o juiz de direito nomeou-lhe para curador um juiz de facto que se achava presente.

O bom do homem, que era grego em materia forense, desculpou-se como pode, e mesmo assim não foi attendido.

Empossado da cadeira de defensor, escutou a accusação em suores frios. Sendo-lhe dada a palavra para produzir a defeza do cliente, levantou-se, passou o lenço pelo rosto, bebeu um copo d'agua, porque estava secco por não falar, e respondeu:

—Sr. juiz do direito, o réu tem de fazer-me certas revelações importantes a bem de sua defeza: peço portanto á V. S. que me conceda licença para ouvir o seu testemunhas aqui no quarto visinho.

O juiz tocou a campainha e os fez acompanhar por um official do justiça até o quarto immediato.

Chegados lá, o defensor e o reu, fecharam-se por dentro.

— Diga-me uma cousa, perguntou o defensor, você realmente matou fulano?

— Senhor... foi a minha má sina...

— Não tem nada que allegar em sua defeza?

— Nada; matei o homem em pleno dia, diante de muitas testemunhas e fui preso em flagrante.

— Pois meu amigo, saiba que está perdido, não ha nada que o salve.

Quer tomar um conselho?

— Diga.

— Salte por aquella janella fora.

— Porém.....

— Pulo, e deixe o resto por minha conta.

Momentos depois apresentou-se o defensor na sala do jury, e fez o seguinte discurso:

Sr. juiz de direito. N. S. me encarregou da defeza do reu; porem eu achei-o tão culpado que não tive outro meio para livral-o, senão indicando-lhe uma janella do quarto por onde fugiu!

Um frade tinha que pregar no dia de S. Estevão, fazendo o panegirico desse santo; mas como já fosse tarde, o abbade pediu-lhe em nome da communidade que fosse o mais laconico possivel.

O religioso prometeu obedecer, subiu ao pulpito e disse o seguinte:

— Meus irmãos; ha um anno que vos preguei o panegyrico do santo cuja festa se celebra hoje. Como de então para cá não chegou ao meu conhecimento nada de novo, não tenho que juntar ao que então disse.

Em seguida lançou a sua benção e desceu do pulpito.

N'um baile de mascaras:

— Menina, quer valsar comigo?

— Não posso, por que as elavículas do tornozello e as p balanges longitudinaes das cartilageas pedestres m'o prohibem!

— Basta, basta!

A OCIOSIDADE.

Os Egyptios fazem da ociosidade um crime de Estado. Assim, um dos seus maiores principes, creou juizes de policia em todos os cantões, e perante elles eram obrigados a comparecer de tempos a tempos todos os habitantes do paiz, para lhes declarar em que se empregarão. Aquelles que eram vadios de profissão eram condemnados á morte como vassallos inúteis. Para lhes tirar o menor pretexto, os *intendentes* das provincias estavam encarregados de ter sempre nos seus respectivos districtos obras publicas, nas quaes eram obrigados a trabalhar os que não tinham outra occupação.

O mesmo espirito se nota nos antigos gregos. Em Lacedomonia não se toleravam vassallos

inúteis; as occupações de cada particular eram reguladas, segundo suas forças e sua industria.

Pelas leis de Dracon e Solon, intentava-se apegão crime contra os que eram convencidos de se entregarem á ociosidade. Era entre elles uma maxima universal «que os preguiçosos eram bichos maus e perigoso.»

Os antigos romanos pensavam do mesmo modo, e os vadios eram condemnados as minas, ou aos trabalhos publicos. A inaccção não era um privilegio da pobreza; era uma infamia. Elles não toleravam, nem mesmo nos membros do senado. Um de seus imperadores, Antonio, suspendeu os vencimentos de muitos que se contentavam em ter a qualidade de senadores, sem cumprir o dever deste cargo, dizendo «que não havia nada mais indigno e cruel do que deixar comsumir os fundos da republica por individuos que lhe eram imprestaveis.»

Os antigos germanos mergulhavam os vadios de profissão no lado dos pantanos.

Na China tambem não se tolera a ociosidade. Os cegos enfermos e manetas são obrigados a trabalhar dando-se-lhes trabalhos adequados as suas forças.

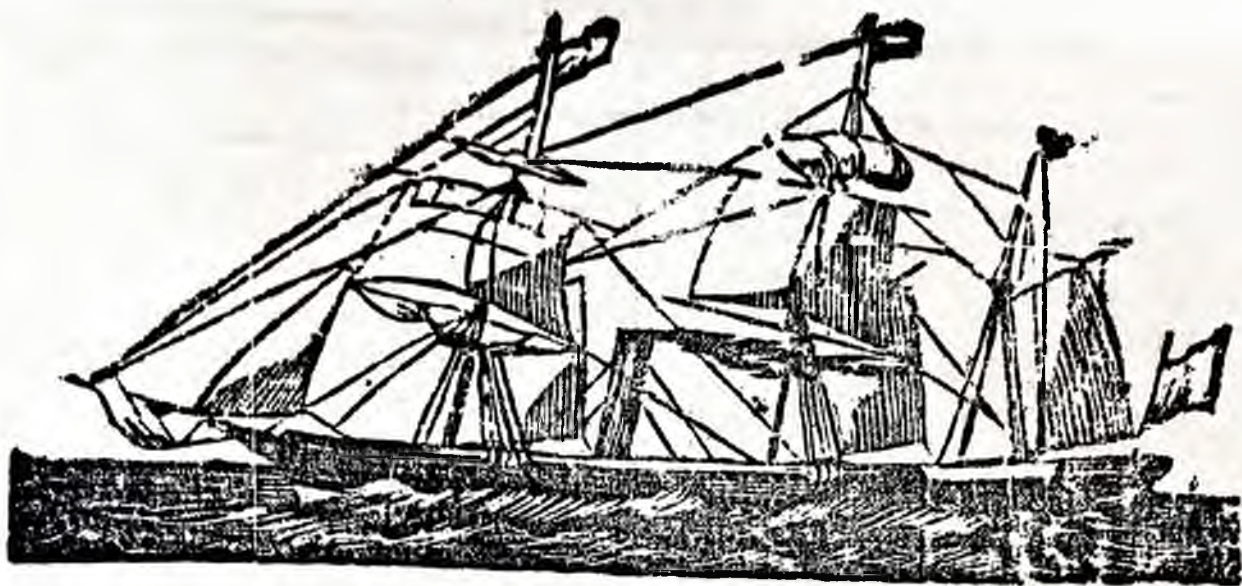
So os que absolutamente não podem trabalhar são alimentados á custa ao Estado.

ANNUNCIOS.

FOGOS E MAIS FOGOS E SEMPRE FOGOS PARA O DIA DE SANTO ANTONIO E AS VESPERAS DE S. JOAÕ, S. PEDRO E DO GLORIOSO DIA DOUS DE JULHO.

Só na Loja Flaviense de Antonio Emigdio de Souza, á rua do Guindaste dos Padres n.º 24, é que se encontra um grande e variado sortimento de pistollas, foguetes do ar, craveiros, fortes espadas encouraçadas, chuvinhas e chuveiros, rodinhas grandes e pequenas, traques da India das primeiras marcas, ditos de maça, ricas sortes para presentes, candeias e bichinhas, photographias magicas e feiticeiras. O Annunciante garante ao respeitavel publico desta capital, que em parte alguma serão tão bem servidos como na loja acima, por ter mandado fazer os seus fogos por emcomenda e a caprieho, só afim de bem servir aos seus freguezes, pois escolheu os primeiros fabricantes desta capital, e como se acha com um grande deposito está resolvido a vender tudo por muito menos que em outra qualquer parte, e por isso espera ser preferido, pois ninguem quer ser mal servido.

Precisa-se de uma ama, para serviço de casa de uma familia na rua direita de Santo Antonio alem do Carmo.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.^a
à rua do Collegio n. 14, 1.^o andar.

Anno VI.

Preço d'assignatura—1\$ rs. por serie de 10 ns. ou 5\$ rs. por 6 series.

Serie 38.

BAHIA

16 DE JUNHO DE 1868.

N. 375.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
15 de junho de 1868.

Officio ao Il^{lm}. Sr. Dr. chefe de policia.
—Tendo a presidencia da provincia authorisado a se fazer alguns concerto na casa de prisão com trabalho, digno-se S. S. de aproveitar a oportunidade para ordenar a remoção da caixa d'agoa daquelle estabelecimento, que se acha collocada sobre a cloaca, recebendo toda fedentina que exhala tal deposito de excrecencias, o que não é das melhores cousas para a saúde. Espera-se por tanto que S. S. tomará em consideração tão justa reclamação, attenta a gravidade do assumpto.

—Ao mesmo, pedindo-lhe que expeça terminantes ordens que acabem com as rifas de foguetes á noite, afin de evitar algum desastre como ia succendo uma destas noites com uma que incendiou-se Atraz dos Quarteis; além de que é um perigo para quem transita por estas ruas, que a cada hora está exposto a ser queimado pelos traques e bombas atirados pelos meninos e moleques, que se aglomeram á roda de taes rifas. N'este sentido, espera-se prompto deferimento.

- Traz alguma novidade?
- Venho apenas relatar-lhe um roubo, que pelas circumstancias parece especial.
- Láponha.

—Francisca Romana, moradora no 2.^o andar do sobrado 23, a rua da Misericordia, sahiu na noite de 11, e foi passar o dia de Santo Antonio em casa do Sr. Geremoabo; no outro dia mandou uma menina buscar roupa em casa e estava ella perfeita. A' noite porém, quando se recolheu, achou com espanto a porta da salla escancarada, faltando-lhe ouro, 16\$ Drs, roupa de mulher e um par de mangas de vidro.

Os ladrões tinham penetrado por uma meia parede que ha entre a escada e o quarto.

E' de admirar que havendo grande quantidade de roupa de homem, por que a roubada da-se ao officio de engomadeira, deixassem toda ella intacta!

—E' nisso que está a especialidade?

—E tambem em ser o predio habitado por moradores do 1.^o andar e de uma sobre loja, cuja porta de rua é uma so, e ninguem viu quem entrou ou sahiu, nem o barulho que fizeram para arrombar todas as arcas, toucador, gavetas, etc.

—Realmente é extraordinario! Um par de mangas de vidro faz volume e devia dar na vista á sahida,

—São destas cousas inexplicaveis.

—Em todo caso eu recorreria á policia.

—Bem aviado. Quem perdeu é que fica chuchando no dedo; que quem roubou está bem fresco.

—Os africanos anda encasifados com os moleques.

—Com muita razão.
—Não sei onde foram essas endiabradas
creaturas inventar a modinha

«O'ca babà
O'eu gerê
Negro nagô
Virou saruê»

com que atanzam os pobres pretinhos.

—E onde vê já tem havido seus desagui-
sados.

—Ainda hontem no Terreiro houveram
caçoletadas e pedradas.

—E ha poucos dias a creoula Constança foi
dormir na Correção, por causa da tal cantiga.

—No Taboão ja se quebrou cabeça.

—A policia que tome alguma medida que
concilie a susceptibilidade africana com a
travessura molecal.

—Soube do sarceiro que houve hontem á
noite em Sant'Anna?

—Não; o que foi?

—Pancadaria velha entre a policia e a
guarda nacional.

—Não ha fogo agora que não acabe em
bordoada.

—O cabo do dedo torado sahiu bem mo-
queado.

—Isso é a consequencia de consentirem a
guarda nacional fardada sem estar de serviço.

—Esses factos servem para attestar a in-
dole e moxigeração da gente, que compõe ho-
je a guarda nacional, salvas as devidas ex-
cepções.

—Donde, partiu a provocação?

—Imprudencias de parte a parte.

—Tambem ha quem tenha o descoco de
mandar reerutar em taes logares, quando o
povo reunido diverte-se!

—De authoridades para a primeira faltou
uma que apparecesse.

—Mesmo que vieram *cançadas* do almoço
do Sr. Paulo Pereira Monteiro, onde houve
muita saude.

—Um sinistro que se teria evitado, si os
que executam as posturas da camara fossem
mais zelosos.

—Imprudente e desastrado moleque! Lar-
gar-se por esta ladeira da baixa dos Sapa-
teiros em tão desembestado galope!

—O senhor, si elle é captivo, é que tem
um excellente dia de Santo Antonio, porque
está no risco de perder um escravo, aquella
formidavel queda é para matar.

—Si elle não se poude levantar.

—E o cavallo mesmo não ficou lá muito
bom.

—E nem assim hão de dar cumprimento a
postura n.º 43!

—Uma inexactidão do *Diario* de quinta-
feira.

—Onde?

—Na noticia que dá de que as patrulhas
da cidade das 6 horas á meia noite eram feitas
pelo 110.

—Frioleiras que não valem a pena.

—Mas eu como gosto de todas as cousas
em seu logar e mesmo para evitar algum equi-
voco, digo, que as patrulhas são dadas por to-
dos os batalhões da guarnição, e não pelo 110
exclusivamente.

—Só isso? Póde empinar-se que não adian-
tou ideia.

Typos contemporaneos.

OS RUADORES.

(Continuação.)

IV.

Em quando Gelasio procura a mulher dos
prostibulos, entremos em sua casa.

E' noite.

Aura, deitada n'uma rêde na sala do jantar,
medita sobre o destino sombrio que lhe
coube na vida, no futuro de seus filhos, e
muitas vezes murmura afflicta.

—Pobres crianças abandonadas como eu,
o que será de vós? Innocentes brincaes sor-
riado, em quanto aquelle que devera cuidar
de vosso porvir, entrega-se as prazeres da
rua como um perdido, que é, ou corrompe-se
ao lado de sua amasia, dessa mulher infame
por quem trocou-me! Meu Deus, tende com-
paixão de meus filhinhos! Resignada soffrerei
o infortunio que me acabrunha, mas, Senhor,
não consenti que sobre a cabeça do innocente
caia o castigo das culpas de seu pae!

Grossas lagrimas correm-lhe pelos sulcos
do rosto, outr'ora corado e alegre, quando
Gelasio a amava, quando não a trocava pela
mulher immunda das ruas.

Ao mesmo tempo, n'outra sala, conversam
as crianças ao redor da luz.

Contemplai-as antes de ouvi-las. São cin-
co. Beatriz, mocinha de desoito annos, lê
com toda a attenção um romance, dos mais
engraçados de Paulo de Kok. Os outros
Paulo, Pedro, Damião e Mauricio, conver-
sam animados.

—Espera, maninha, deixa-me acender na
vela esta pontinha de charuto,—diz Paulo.

—Pois você ja fuma, Paulinho? Eu vou
contar a minha mãe,—torna-lhe Beatriz.

—Si contar, aleivosa, eu tambem conto

que você está namorando o caixeiro da venda!

—Menino!

—Sim? Então, senhora alevantadeira de falso, já se esqueceu que mandou por mim uma carta, pedindo...

—É tua mentira, mentiroso; estás dizendo isto para eu deixar-te accender o charuto; pois acende... acende...

—Agora, sim. Ora que mal faz a gente fumar? O papae nem briga nem nada.

—É assim mesmo,—acressenta Mauricio. E aquella mulher Paulinho, que elle tem amisade, como fuma! Aquella mulher?...

—Ai, sim... aquella que outro dia me deu um vintem para eu trazer um recado ao papae, sem contar nada a mamãe; não é?

—É aquella mesma. E tu compraste o teu vintem de licor e não me deste nem um bocado...

—Ora, menino, era tão pouco...

—Deixa estar: algum dia... algum dia...

—Pois você já bebe, Paulinho? diz espantada a irman.

—E o papaenão bebe? Que mal faz? Outro dia papae estava bêbado... ah... ah... ah...

—E nem me conhecia, maninha; eu fallei com elle; e sabes o que respondeu?—«Quem é vosmecê, senhor pequeno... ah... ah... ah...»

—Quando eu for homem, hei de beber como o papae...

—E eu tambem!

—Olha, Pedrinho, a vida do papae é bem boa; aquella mulher da rua de... quer tanto bem a elle...

—Mas, a mamãe chora quando se falla n'isto!

—Eu não sei porque. Si eu fosse a mamãe não chorava, porque o papae quando vem á casa ralha tanto, que é melhor que não venha, que fique por la mesmo!

—Mas, como elle é bom para nós! Não briga, não nos dá, e nem pergunta si nós fomos á escola.

—Mas, não quiz dar-me hontem uns sapatos... brigou muito, e disse que não dava. não dava!...

—Amanhan elle nos dará uns sapatos novos...

—Porque, Pedrinho?...

—Porque, quando sahi da escola, fui á casa d'aquella mulher, onde o papae vae sempre e ella me disse que ia pedir ao papae que nos desse uns sapatos novos.

—Espera que elle dê.

.....
E' tarde.

A luz da lamparina tremeleia na alcova; Beatriz, depois de pensar por muito tempo

nas scenas do romance que lêra, de applical-as a si e ao vendelhão que namora, adormecera e sonha talvez no que pensara acordada. As outras crianças dormem o somno profundo da infancia, perto da infeliz Aura.

Como é triste este quadro vascillante á luz da lamparina!

Vós, que ouvistes a prece da desventurada mãe, e a conversa das crianças, contemplai-as agora.

O que resta n'este mundo áquella infeliz mulher? O seu dia de hontem foi igual ao de hoje e sel-o-ha ao da manhã Nenhum gozo lhe suavisa o presente, nenhuma esperanza lhe sorri no futuro. Hontem, hoje, amanhã... sempre o mesmo, sempre essa vida monotonna, privações, amarguras e miserias; sempre o esquecimento, o desprezo, os grosseiros insultos de seu esposo—d'esse Gelasio tão amante outr'ora, e em compensação tão querido; d'esse Gelasio tão delicado, tão apaixonado, tão brando, que lhe promettera uma vida deliciosa, quando arrancou-a do lar da infancia e da felicidade; d'esse Gelasio tão sensível, tão poetico, que na noite do noivado, vendo-a chorosa junto ao thalamo nupcial, enchugara-lhe o pranto com um osculo murmurando:—«Não chores... não somos venturosos? Porque receber a felicidade com prantos, mulher que eu amarei eternamente?» D'esse Gelasio, enfim, que é hoje um homem perdido, que trocou a esposa pela amasia, acarecia esta, dá-lhe sedas e prazeres,—e maltrata aquella, dando-lhe so—miseria e prantos!

Viver, não é esperar? E o que espera ella; o que lhe resta n'este valle de angustias? Um martyrio lento e prolongado, que a sociedade contempla indifferente!

E os filhos, aquellas crianças que dormem ao redor da martyr? O que sera de Beatriz; cuja alma vae pouco a pouco prostituindo-se na leitura dos mauss livros de seu pae? E dos irmãosinhos, d'esses meninos que teem por norma a vida do pae: que no verdor dos annos, já fumam, porque a amasia do pae lhes dá charutos; que já bem, porque veem seu pae embriagado; e que entregam-se aos vicios, porque lhes falta quem os dirija, os aconselhe, os castigues... porque o pae, que deve a cuidar de educação; mora n'um prostíbulo!

O que será d'essas crianças, meu Deus!

(Continua.)

LA VAE VERSO.
O CAÇADOR E A LETTEIRA.

(BERANGER.)

«Com doces cantos o sabiá alegre

Do almo dia o lindo despontar,
O amante caçador segue, oh leiteira,
Meigas fallas de amor has de escutar;

«Da primavera, as orvalhadas flores,
Vamos, oh bella, para ti colher! . . .
—Não, caçador, de minha mãe hei medo,
E o meu tempo não posso aqui perder.

«Tua mãe, por detraz daquelle oiteiro,
Co' a mimosa ovelhinha longe está;
Oh, aprende, oh leiteira esta modinha,
Tão bonita na côrte outra não ha;

«A moça, que lograr sabe cantal-a
Os mais voluveis poderá prender. . . .
—Tambem sei, caçador, modinhas ternas,
E o meu tempo não posso perder.

«Para que o possas contar, o triste caso
Aprende de um barão mui furibundo,
Que de cioso arrasta a pobre esposa
Viva e bem viva para o outro mundo;

«Historia que, narrada em noite escura,
Faz quem vive de medo estremecer!
—Tambem sei, caçador, cantos mui tristes;
E o meu tempo não posso aqui perder

«Quero ensinar-te uma oração mui santa,
Com que applaques o lobo esfomeado,
Com que possas zombar das feiticeiras,
Livrar-te de quebranto ou mau olhado;

«Bem pode alguma velha feiticeira
Vis maleficios contra ti fazer.
—Não tenho, oh caçador, o meu roزاری?
E o meu tempo não posso aqui perder! . . .

«Pois bem: vê esta cruz como é brilhante
Cravada de rubis de gran valor?
Da moça, que ella ornar, ao lindo seio
Os olhos chamará. . . . cegos de amor!

«Será tua, apesar do alto preço;
Mas, vê la. . . . o que em troca hei de querer!
—Sou vossa, caçador, quanto é formosa!
E o meu tempo não posso aqui perder!

Trajano Galvão.

Á PEDIDO.

—Ha cousas neste mundo que fazem scismar
mais de uma pessoa horas inteiras. . . .
E que scismas! . . .

—A proposito?

—Supponha que a Sra. D. Fulana de tal
mora em uma casa da rua de . . . com cinco
ou seis janellas de frente e portão ao lado;
supponha mais que a dita senhora é casada,
achando-se ausente o marido, e que as des-
horas um vulto introduz-se por uma porta
traveça—o que se deve scismar?

—Que cada um deve cuidar na sua vida e
não se importar com a albeia, Sr. bisbilho-
teiro.

VARIÉDADES.

AS MULHERES PARAGUAYAS.

—Sob esta epigrapho a *Tribuna de Montevideo*,
dá uma noticia transcripta, que a ser canard não é
mã chaluça:

Novidade e ao mesmo tempo interesse despertam
as noticias do theatro da guerra que dá o *Standard*
de Buenos-Ayres, em seu numero de domingo.

Segundo o citado collega, a tenenta-coronel, Mar-
garida Ferreira e a capitã Anita Gil, teem sob suas
immediatas ordens uma respeitavel força de moças e
mulheres, perfeitamente armadas que está collocada
na passagem do rio Tebicuari, para disputar ás forças
alliadas sua passagem.

A brigadeira generala Elisa Lynch com o corpo
mais numeroso d'este exercito feminino, achu-se a-
campado no trajecto que medeia entre o passo do
rio e uma pequena ilha interior.

No caminho para Villa Rica está a ala direita d'es-
te exercito, commandada pela mãe do capitão Her-
rero, para que em caso necessario, obre em combi-
nação com a coronela Margarida Ferreira, que dis-
põe de um formoso corpo de intrepidas moças.

Se é certo, como o assegura o *Standard*, teriamos
visto renovados os tempos da antiga Esparta, e as
mulheres de Cachabauba teriam encontrado imitado-
ras.

Um individuo muito nosso conhecido escre-
veu uma obra e convidou a um amigo seu para
ouvir o ler.

Quando estava lendo, notava elle que, de
quando em vez, o amigo levantava-se e fazia
uma cortezia.

Massado com aquillo, perguntou ao amigo:
—Que teus tu que de paragrapho em para-
grapho que eu leio, te levantas e fazes uma
cortezia.

—Comprimento os conhecidos que passam,
respondeu o amigo.

Mr. Charles levou toda sua vida debaixo de
pilheria e quando estava para morrer todos os
os seus amigos rodearam seu leito.

Quando Mr. Charles fez termo de parti-la, um
dos amigos que alli se achava, gritou para um
criado:

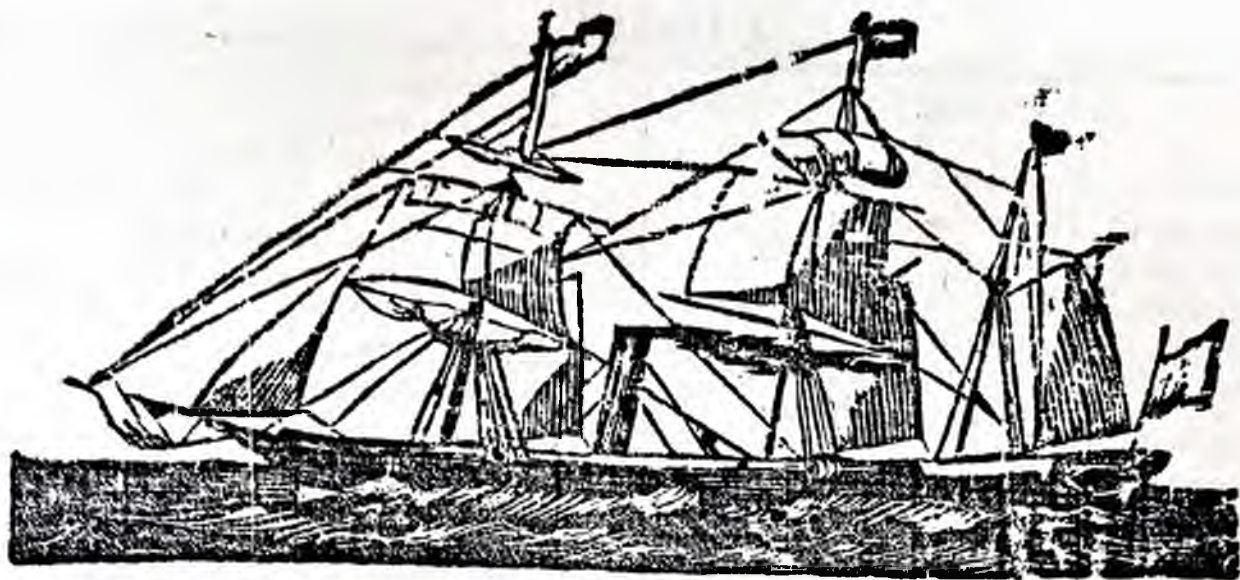
—Traz ahi uma vela que elle está expirando!

Mr. Charles levantou a cabeça e disse:

—Não precisa que eu vou mesmo a remo.

ANNUNCIOS.

Vende-se uma armação para loja de cha-
rutos, quem a pretender dirija-se a rua Direi-
ta de Palacio n.º 36 B, que achará com quem
tractar.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Ano VI.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
à rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Serie 38.

Preço d'assnatura—4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

18 DE JUNHO DE 1868.

N.º 376.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
18 de junho de 1868.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, invocando sua attenção para o pessimo estado em que se acha a casa que serve de quartel ao estacamento do Engenho da Conceição, a qual, alem de chover como na rua, serve de deposito de madeiras, cal e barro. S. S. que tem dado provas de sollicitude e zelo na administração da repatição á seu cargo, por certo que attenderá a tão urgente reclamação.

—Ao mesmo. lembrando-lhe, afim de evitar casos desagradaveis, a medida preventiva de serem substituidos os compridos mangues que usam os conductores de carroças, por correias de tres palmos, mais que sufficientes para despertar os animaes.

Com semelhante medida cessará a inconveniencia de se ver todos os dias conflictos resultantes do pouco cuidado com que os carroceiros fustigam os miseros animaes, como ha quatro dias succedeu na Lapa; motivo esse, que induz a erer que S. S. não se dedignará de acceptar a lembrança.

- Recorda-se de uma moça de nome Andreлина.
- Conhecida pela *Bichinha*?
- Essa mesmo.
- O que teve?
- Suicidou-se no Rio de Janeiro.

O *Correio Mercantil*, dá noticia do facto assim:
«Andreлина de tal, natural da Bahia, poz termo a sua existencia, tomando uma porção de phosphoro:

Morava esta infeliz, em companhia de uma amiga sua, na rua da Uruguayana n. 55. Alli deu ella, ante-hontem á noite, principio á execução de seu sinistro designo. Avisadas as authoridades do occorrido, compareceram na habitação, e para logo os Srs. Drs. Pedro Isidoro de Moraes, Garcia e Miranda prestaram-lhe os soccorros convenientes, sendo para isso necessario o emprego da força, por não querer a paciente tomar os medicamentos applicados. Mais tarde, illudindo a vigilancia das pessoas, que guardavam-a, conseguiu Andreлина absorver nova porção de phosphoro, e então baldados foram todos os esforços empregados para a salvar a. A pobre moça expirou hontem ao meio-dia.

Diversas são as causas á que attribuem este suicidio. A versão, porem, que mais corpo tem tomado, é a que dá como origem d'aquelle acto de desespero uma exaltação amorosa.

Na Bahia, segundo nos informam, attribuiram-lhe a causa do suicidio de um moço, filho de uma familia distincta, e por esse motivo, dizem, veio para o Rio de Janeiro. Agora, tendo partido para o norte um official, por quem se apaixonara, e desesperando de tornar a vel-o, poz ella por sua vez termo aos seus dias.»

—Tal vida, tal morte! . . . Deus tenha misericordia d'alma dessa infeliz peccadora.

—Capitão, passando os olhos por um *Correio Mercantil* de 1851, deparei com a seguinte poesia para a qual invoco a sua esclarecida attenção.

- Leia, para poder apecial-a.
- La vac:

«AMANHAN.

Extremoso mancebo adorava
Gentil moça, feitiço de amor;
Era dama que em graças primava,
E primava também no rigor;
Que esperanças também accendia,
Mas que nunca um favor concedia.

Dia e noite o mancebo gastara
Em provar terno amor pela bella,
Dia e noite o mancebo chorara
Por deleites gozar ao pé della;
Mas tão fera, quam linda e louçan,
Ella sempre dizia:—amanhan.

Ah, senhora! exclamava o amante,
Até quando quereis ver-me assim?
Nem siquer o favor de um instante...
Nunca, nunca, tereis dó de mim?...
Quando pois pagareis tanto afan?
E a cruel respondia:—amanhan.

Amanhan... Esta phrase do inferno
Ja mil vezes de vós tenho ouvido;
Ja mil vezes amor louco e terno
Abraçado vos tenho pedido;
Mais tão fera, quam linda e louçan
Vós dizeis rindo sempre:—amanhan!

De horisonte limite afastado,
Que debalde se quer conhecer;
De uma flor o botão desgraçado,
Que ja mais flor aberta ha de ser;
Ironia, illusão, phrase van
Eis o que é esse vosso amanhan!

Basta emfim de zombar. Eu vos amo
Como ama o favonio uma flor;
Poe gozar-vos ardente me inflamma,
Junto a vós morrer quero de amor!...
Quando, pois, pagareis tanto afan?
E a cruel respondia:—amanhan.

E o mancebo, esperava, esperava,
Que chegasse essa hora de amor,
Cada dia mais terno voltava
A pedir da ternura o penhor;
Mas tão fera quam linda e louçan
Ella sempre dizia:—amanhan!

Chega um dia... era noite formosa,
Tudo em doce socego jazia,
Stava a lua no ceu radiosa:
Bella, a dama entre flores dormia;
No jardim foi do somno apanhada
Pelas auras da noite embalada.

Junto della, ninguem stá vellando...
Mas, por entre os arbustros viçosos,
Os raminhos co'as mãos afastando,
Vem o amante com passos cuidadosos;
Eil-a alli a dormir descuidada:
El-o alli com sua alma abrasada!

O que mais succedeu ninguem viu...
Sabe-o a lua que estava no ceu,...
So do amante um suspiro se ouviu
E um ai terno que a moça gemen!...
E depois que algum tempo passou,
Todo em fogo o mancebo exclamou:

Ah! é pouco... não basta um favor
Para a chamma que ardendo em mim vês;
Dize—quando p'ra gloria de amor
Dormirás no jardim outra vez?
E vermelha qual flor de roman
Disse a moça outra vez:—amanhan!

—Veja como se admnistra a justiça nesta terra.

—Ora diga la.

—Na cidade da Cachoeira appareceram alguns pasquins contra certa authoridade e indigitaram como um dos authores a Sergio José Paraguassu, o qual sem mais preâmbulos foi recrutado e remettido para a capital muito *recommendado*.

Sergio, ja tinha ido ao Sul e voltou de la inspecionado e incapaz do serviço por molestias incuraveis.

Descansando, nos documentos que possuia, julgou, á vista delles, encontrar na admnistração superior um paradeiro a demasiada arbitrariedade de quem quer que o queria perseguir e massaerar.

Enganou-se porem.

Requerendo ao presidente da provincia para apresentar seus documentos e fazer valer seu direito, foi mandado embarcar immediatamente; de sorte que, quando seu requerimento foi indeferido, ja elle tinha seguido barra fora!

—V. não sabe que direito e lei são palavras ócas, quando se trata de satisfazer o capricho da gente do peito?

O que importa que se calque a justiça mandando Sergio para o Sul, si o orgulho do potentado foi devidamente lisongeadado?

À PEDIDO.

—Estou cansado de esperar!

—E' desesperar.

—Ouvi fallar que o Gularte ia ser chamado á responsabilidade, e que elle se compromettera a contar nos tribunaes a historia da subdelegacia da Conceição da Praia; e eu que gostó de apreciar essas *amenidades* aticeei a curiosidade; porem até hoje estou com agoa na bocca.

Dar-se-ha que os contendores fizeram como gallo, que estacam um em frente do outro com receio?

—Mas é que um não pode fazer nada sem que o outro dê o primeiro passo.

—Nesse caso é ao Sr. Jurema que cumpre tomar a iniciativa para não ficar em falta sua palavra honrada.

—Mesmo para que os maldizentes não digam que S. S. teve medo de ouvir a tal historia.

—Quem de Vv. ahi conhece o *quarenta jantares*?

—Pelo nome, nenhum de nós.

—Não sei tambem o que fazem pelas ruas, si não conhecem os patifes pela pinta.

—Dê V. Ex. um pequeno signal e verá se n'um fechar e abrir d'olhos não damos definição do cujo.

—Pois escutem la o retrato do bicho:

Tem rosto cumprido e barba serrada, secco do corpo; usa de paletot de alparca que ja foi preta em outro tempo, colette bordado á retrós, ja bastante usado, cadeia sem relógio, calça de brim pardo desbotado, e chapéu de feltro acabocolado.

—Basta, capitão ja sei quem é.

—Conhece-o?

—Por signal que anda apressado fazendo grande *borqorinho*.

—Eis ahi.

—Si V. Ex. me fallasse de um cujo que assim em ar de gracejo tirou da barraca de uma ganhadeira á praça do Mercado um collar e por gracejo ficou com elle, e safou tambem do bolso de certo individuo a carteira com 80-D rs., eu sabia logo quem era.

Si me dissesse que era um taful de suissas á peixe *barbo* imitando ao *Lino*, eu de improviso lhe responderia.

—Nesse caso, fica encarregado de trazer-me aqui esse alarve antes das duas horas.

—Antes das duas horas?

—Sim, quero mandar-lhe dar uma sova pela sem cerimonia com que anda pelas guardas a comer o jantar dos officiaes, sem ser convidado.

—Si me não engano, esse *papa jantares* á tempos ja veio a bordo por egual motivo.

—Justamente. Era da guarda de palacio que fazia seu aposento. Socava-se la, intruzamente palestrando até a hora dos pirões; agora variou, e anda por todas ellas a encher a tripa de gauderio.

—Desta vez ha de lhe custar caro. Vou buscal-o.

—Cuidado com o birbante que é todo *efeminado* e pode fingir algum flato.

—Veja, capitão, como tudo anda invertido e fora dos seus eixos, neste tempo! No tempo

do *pão, pão, queijo, queijo*, a verdade era sempre em tudo e por tudo—a verdade: de pois que era politica, como em tudo, a verdade passou a ser a mentira sempre repetida, ninguem se entende nesta immensa Babel.

—Cuidei que trazia materia nova; isso é velho; si o Sr. andasse hoje menos pelo mundo da lua, que por este mundo subllunar, devia saber que de ha muito a unica verdade em tudo está no reverso da medalha. Mas, adiante; continue.

—Viu aquelle jorro de porcas diatribes publicadas no *Alabama* de 9 do corrente, debaixo da epigraphe—*as pedras preciosas derretidas em luxo*?

—Vi, sim, e que novidade ha nisso, quando a todo instante se estão vendo ahi por toda a parte porcarias eguaes?

—Mas creio, que não conhece a pessoa de que ali se tracta e é o que lhe venho referir. A victima d'aquella infame descompostura gratuita, nunca provocada, é um honrado portuguez, antigo negociante desta praça, sempre conhecido pela honestidade de seu procedimento e escrupulosa pontualidade de sua palavra. O aggressor, o carasco, é um miseravel, que foi caixeiro d'aquelle negociante, de cuja casa sendo despedido, por malvado e ladrão, logo depois abriu-lhe com chaves falsas uma noite o armazem e o cofre e limpamente roubou-lhe consideravel quantia em dinheiro e pedras preciosas.

Ao amanhecer, toda a praça conheceu o ladrão; mas o negociante roubado, não o podendo convencer fazer punir com provas do crime o que o silencio e as trevas da noite haviam apadrinhado, soffreu resignado o roubo e o prejuizo.

O salteador passou a ser caixeiro de outro negociante, indiscreto, que tendo visto as barbas do vizinho a arder, devia ter posto as suas de molho. Nessa nova *exploração*, acabou tambem o tratante roubando o amo, não com chaves falsas como então e com gazuas, mas falsificando-lhe a escripturação e apresentando-se por fim seu credor de alguns contos de reis.

Aqui tem, capitão, o caracter do miseravel que chama ladrões as victimas de sua rapacidade.

—Quer ouvir, meu charo, a minha opinião a este respeito? Entendo, que o negociante primeiro roubado é digno de compaixão, o segundo não; porque devia saber, que a quem o diabo uma vez tomou, sempre lhe fica o geito; mettu a vibora no seio, o que esperava?

O que lamento é, que um malfeitor assim avezado ao crime viva impune n'um paiz

onde ha governo e leis repressivas do crime.

—Mas que quer, capitão?

Governo e leis excellentes ha aqui; mas infelizmente pode mais do que ellas o patronato.

Ora veja: o ladrão, que alem de ladrão é um tremendo assassino, um facinora brutal, cahiu nas mãos da justiça aqui ha pouco tempo; e quando todos os homens de bem esperavam vel-o achar nas galés recompensa de suas virtudes, teve o infame protecção bastante para o por no olho da rua, novamente armado de gazua e punhal,

—Então faz muito bem! deve continuar na boa vida que tem levado, até que por sua vez os proprios protectores lhe conheçam o prestimo, que hem o merecem.

—Porém, quer V. Ex. ver a que ponto chega o descaro do salteador?

Anda agora a fazer subscrever por seus proctores (*boas firmas*, alguns) um nos abaixo assignados para *provar*, que é pessoa de grandes creditos nesta praça, e que, antes de ser caixeiro do ultimo anno a quem roubou, negociava com contos e contos de reis.

—Que patife! quer assim legitimar a fraude manifesta que praticou, a falsificação dos assentos que fez nos borradores, quando caixeiro do homem de boa fé, de quem agora se diz credor.

—E não comprehende que a consciencia publica, e a illustração dos tribunaes, nesse proprio nós abaixo estão vendo o corpo de delicto do roubo que fez com o auxilio das trevas e das gazuas ao honrado negociante, a quem agora, ainda em cima, chama ladrão; porque, —não possuindo nada de seu o miseravel, antes de praticar aquelle roubo, si com effeito negociou depois disso em valores de muitos contos de reis, a dinheiro e a credito, é claro que d'aquella nocturna empreza em que empalmou 7 ou 8 contos de reis em dinheiro e brilhantes, lhe vieram os recursos de seu opulento commercio. Salvo si, pelo commercio da moeda falsa, os adquiriu, Milagrosa industria... á custa da qual, não falta ali quem viva muito a largo a campar de gente honrada....

—Mas ainda me não disse nada a respeito da origem d'esse *heroe*: diga-me donde surgiu, donde veio, que naturalidade tem, visto que tracta por galegos e labregos as suas victimas?

—Ah, cuidei que ja o sabia, capitão. E' um canalha dos mais vis do mundo, um refugo, uma escoria não de Portugal, mas da Galiza ou Biscaia.

Para desdouro do honrado nome portuguez, quer o ladrão passar por portuguez; mas não

ha portuguez honesto que possa vencer o nojo de apertar-lhe a mão.

—Basta, tenho ouvido; vou expedir as ordens para que seja dignamente recebido aqui a bordo, de baixo de coberta enchuta tão importante hospede.

—Bem; voltarei talvez, não por occupar-me mais d'esta immunda creatura, mas por dar a V. Ex. e a *policia* noticias um pouco detalhadas do honesto caracter e *patrioticas relações commerciaes* de alguns de seus dignos defensores.

E' preciso que fiquem conhecidos do publico, e das *authoridades*, porque *dize-me com quem vives, dir-te-hei as manhas que tens*....

VARIEDADES.

Um mestre escola estava examinando os discipulos em doutrina, e dirigindo-se a um cuja avó estava gravemente enferma:

—Dize-me, Luizinho, perguntou o mestre—quantos são os sacramentos?

—Não ficou nenhum, senhor mestre—respondeu a creança.

—Como é que não ficou nenhum sacramento? E' isso que diz o cathecismo?

—Não, senhor; porém antes eram sete, mas os ultimos foram dados esta manha a minha rã.

—A um certo individuo, casado com uma mulher muito feia e da qual era muito zeloso, perguntara um amigo:

—Mas, homem, como tens tu ciuemes sendo tua mulher tão feia?

—Isso não importa, respondeu o marido, porque assim como eu tive um gosto tão estragado pode ser que outro o tenha tambem.

A scena passa-se em casa d'um juiz de paz.

—Que tem V. que allegar perguntou o juiz a um proprietario que se ia queixar de um seu inquilino.

—Que este senhor me deixou a casa deteriorada.

—Como não havia de ser assim, se vivi vinte annos n'ella?

—Sim, mas no arrendamento, comprometteu-se V a deixal-a como a achou.

—Eu não me comprometti a isto com V. que tem cabellos brancos, foi com outro individuo que tinha cabellos pretos.

—E' verdade; mas já passou muito tempo.

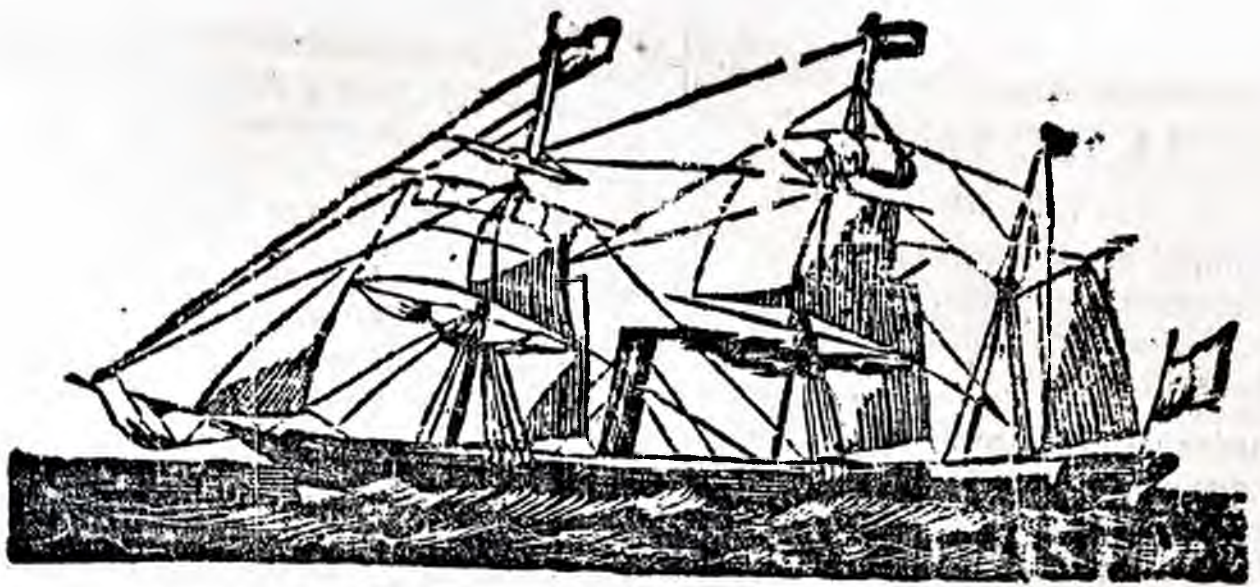
—Pois reclamasse V em tempo.

O juiz foi da mesma opinião.

ANNUNCIOS.

IMPERIAL SOCIEDADE MONTE-PIO DOS ARTISTAS

Por deliberação do conselho, em sessão de 14 do corrente, copvido a todos os Srs. socios que se acham atrazados, á virem pagar o que devem de suas mensalidades, a fim de lhes não ser applicadas as penas comminadas nos estatutos. Bahia 15 de junho de 1868.—Aristides Ricardo, 1.º secretario.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
á rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Serie 38.

Preço d'assnatura—4\$rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$rs. por 6 series.

BAHIA

20 DE JUNHO DE 1868.

N.º 377.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latrôpôlis, bordo do *Alabama*
19 de junho de 1868.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé.— Sendo tempo perdido recorrer-se a camara para que recomende a seus fiscaes o devido cuidado nas infracções das posturas que tendem a conservar o acieio das ruas, sirva-se S. S. de mandar o seu ordenança intimar aos moradores dos sobrados 28 e 30, Atraz da Sé, para que não continuem a dar banhos de materias fecaes dissolvidas em *agoas velhas*, em quem por alli passa das 9 para 10 horas da noite.

—Ao mesmo, communicando-lhe que havendo informações, de que na venda á rua Direita de Palacio, fronteira a thesouraria, ha grande porção de fogo solto, inclusive buscapés, leva-se isso ao conhecimento de S. S. para que sirva-se de dar a competente busca, e fazer o que for de lei; o que espera-se.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que passe a verificar, si é exacto que o dono da padaria ao Guadalupe tem ali um ebiqueiro de porcos, e no caso de ser assim, imponha-lhe a competente muleta.

—Isto é rico!

Preso por ter cão e preso por não tel-o!

—Ponha-me isso em pratos limpos.

—E' que o fiscal geral não so muleta ao^s taverneiros que vendem o pão mal pesado, como aos que o pão excede um pouco do peso.

—Ora esta so da excentrica cabeça do fiscal geral.

—Na rua de S. Pedro ha uma casa cereada de andames, os quaes estão largando os pedagos sobre quem passa.

—E' a de n.º 33.

—Supponho. Parece que o dono está á espera da vinda d'El-rei D. Sebastião para concluir a obra.

—La isso elle podia acabar quando quizesse, si não estivesse aquelle trambólho a empatar o transito.

—E a servir de spelunca para actos poucos decentes á noite.

—Olá, rapaz, V. é bastante esperdiçado! Pois anda a despejar pelas portas dos vizinhos o que podia muito bem lhe servir de alimento?

—O defeito é da maior parte das casas da cidade não terem despejo.

—Com tudo não é bom continuar na graca; podem os vizinhos do Cruseiro dar com V. na casa de cachorro.

—S. José e o Santissimo Sacramento de quem sou devoto, me livrarão de tal occasião.

—O melhor é não continuar. Proceda como seu vizinho de cima, o qual por suas boas maneiras todos lhe predizem uma *bomfim*.

LA VAE VERSO.

LEILÃO.

Meninas! correi depressa!
E' chegada a occasião,
Resolvi metter em praça
Meu solteiro coração.

Lançaes no primeiro lote;
O que é bom paga-se bem;
Vae ao correr do martello
E' um ovo por um vintem.

E' feito de assucar branco,
Macio como sabão;
Ninguem pretende a pechincha?
Pois perdem a occasião.

Tem veias de sangue puro,
E ama como ninguem;
Meninas! lançaes no lote
O que é bom paga-se bem.

Tem cordas todas sensiveis
A' laia de violão!
E si ellas ficarem mudas
E' ir-lhe de fá bordão!

E esta! Pois não pensava
Que vendia o coração?
Mas por mais que me esforçasse
Ninguem quiz vir ao leilão.

IMMITAÇÃO.

MODINHA PARA SER CANTADA NA NOITE DE S. JOÃO.

Que vida gosa o *progresso*
Sem ser do povo estimado,
E' feliz por ter os cobres
Da nação agasalhado.

Vive então amontoando
P'ra somente enriquecer,
E o povo neste caso
E' que vem sempre a soffrer.

Que vida gosa a assembléa
Ha quatro mezes *fallando*;
E' feliz porque os cobres
Da provincia vae mamando

Vive então qual usurario
Somente para embolsar,
E a provincia esfalfada
Vem sempre a enthysicar.

Que vida gosa o Matheus
Pelas ruas passeiando;
E' feliz porque os cobres
Da provincia está raspando.

Vive então so nas egrejas,
De irmandades se occupando,
E o pobre substituto
Na mão a cousa aguentando.

Que vida gosa o *Pinguinho*
Junto as internas morando;
E' feliz porque caldinhos
Das *pombinhas* vae chupando.

Vive então, ricas *pombinhas*
O tal pardal assolando,
E os cofres da provincia
O seu vicio sustentando.

Que vida gosa *Certo-rio*
Com a Balbina abraçado;
E' feliz porque do mundo
Não tem o menor cuidado

Vive então o zangaralhão
Pela negra enrabichado,
Apontado pelo povo
Por um padre debochado.

Que vida gosa o *Ciri*
De tapas e caxações;
E' feliz porque a negra
Lhe allivia as *comixões*

Vive então como no inferno
Os diabos se acabando,
E por isso é que a creoula
Vae ao conego sovando.

Que vida gosa um *marreco*
Empregos accumulando;
E' feliz porque da patria
Vae *grossa cousa* empalmado

Vive então como os anjinhos
Bello maná á gozar,
E a boa da provincia
Da-lhe a *têta* p'ra chupar.

Que vida goza D. *Bartollo*
De sabichão se inculcando;
E' feliz e entre *entendidos*
Por *cousa* elle vae passando,

Vive então o tal *macaco*
Discurso *bello* arranjanado,
No meio de *certa roda*,
Justos louros alcançando.

Que vida gosa o *Cazuza*
Com a creoula sambando;
E' feliz porque o cujo
Vae se desmoralisando.

Vive então em grão regalo,
Como devasso que é,
E na casa da creoula
Tambem faz seu rapa pé.

Que vida gosa o *Carlos*
De *Viar* frangas papando;
E' feliz porque do galico
Elle se vae descartando.

Vive então o tal abutre
De franguinhas se nutrindo,

No meio de homens honrados
De *santo* se vae fingindo.

Que vida desfructa o povo
Milhões de impostos pagando;
E' feliz porque p'ra guerra
E' que elle está se esgotando,

Vive eutão como o progresso
De *direito* está achando,
Que lhe usurpa o diuheiro
E o sangue lhe vae sugando

Á PEDIDO.

—*Cyrillo Banana*, que indole má é essa?

—De que, Sr.?

—Pois V. ter a malignidade de pagar a dous moleques para atirarem um buscapé dentro da taverna de Manoel?

—Que calumnia, meu Deus!

—O moleque Angelo a quem V. peitou, não esconde.

—Querem me intrigar; ja vim corrido de Maragogipe.

—Não pelo que eu fiz.

Fique prevenido, que, si na noite de S. João, ou outro qualquer dia, o homem sofrer alguma cousa, é de V. que se ha de queixar.

—Cabe no possivel que sendo eu o inspector pratique semelhante maldade?

—Outras cousa se vê quanto mais isso.

—Decididamente ha dinheiros que são elasticos!

—Eu por mais que escorrupiche o meu, não me chega.

—E o meu.

—Na verdade, pasmo, quando vejo certa gente, cujos rendimentos são verdadeiras teieias, gastarem á mãos largas, e terem diuheiro para tudo.

Um caixeiro, por exemplo com diminuto ordenado, sustenta carro, frequenta mulheres, vae a festa do Spirito Santo e la gasta exorbitantissima quantia. E um verdadeiro perdulario!

—A proposito: vou tratar de um destes esbanjadores do *commercio*.

—Então espere deixe-me fallar ao *Januario* que atravessa alli e volto ja.

(*Continúa.*)

—Capitão, V. Ex., como propecto na vida do mar, queira esclarecer-me si as obrigações do *mestre d'armas* é morar em terra? servindo de *Mercurio* a uma *Venus* com quem vive e so indo a bordo quando lhe parece.

—A que vem tão desasada pergunta?

—Porque assim vejo proceder o do navio

escola dos aprendizes do mar da bahia e de todos os ratos, cidade de S. Chupador.

—E' relaxação.

—De mais.

—O que posso fazer é recommendar ao commandante mais zelo na disciplina de seu navio.

—Tempo perdido.

Vem de cima a corrupção.

—Visto isso, so o governo pode remediar, dando um golpe de estado na tal cumbuca.

—Perfeita caverna de antropophagos.

—Voite depois para nos entender-mos,

(*Continuação dos n.º 573 e 574.*)

—Para que fique bem distincto o heroe destas proezas o chrismarei daqui por diante por *José da serra*, nome que bem lhe assenta, por ter vindo das breubas, ende habitava entre *silvas* agrestes.

—Estou sciente, pode continuar.

—Tendo sido presos por ladrões de cavallos *Leoncio Alvo de Vaz Cancellas* e outro, foram soltos por habeas-corpus e como culpados que eram, quando se viram soltos trataram de amollar as canellas abandonando os cavallos. Dias depois, nosso heroe requereu em nome dos culpados para ficar com os cavallos em depósito; o delegado, leigo completo, e cujo fraco era largar-se para S. *Gonsalo* no engenho *Muniz* de *barrete* á cabeça, despachou favoravelmente e o resultado foi que á pouco vendeu elle um cavallo castanho dos taes.

Na vara de sobre delgacia, succedeu que no sabbado de Aleluia Feliz aberto d'Avo de Christo, desse umas porretadas no *Zeca Lineo* da Silva. Este faz corpo de delicto e quer proceder, mas, a boa chita da authoridade mette-se no meio e quer obrigar-o a accommodar-se mediante a quantia de 50\$ reis, para elle e 50\$ reis para o offendido.

Não conseguindo, recebeu o dinheiro e come-o descaradamente!

Para crear todo embaraço a *Lineo* a fim de que elle não podesse continuar a mover acção contra seu aggressor, pediu-lhe em confiança o corpo de delicto e consumiu-o!

—Quantas aves de rapina da eguala desas temos nós a occupar cargos ahi por fora!

—Por fora so?

Na cidade tambem as ha de sobra.

Paro aqui porque sendo as gentilezas desse meliante muito volumosos, permittame que tome um pouco de folego, para continuar.

—Como lhe aprouver.

(*Continúa.*)

—Capitão... capitão... capitão...
 —Que diabo tem V., homem?
 —V. Ex. não sabe o que perdeu não ir hoje a assembléa.

—O que houve?
 —O Zama quiz brigar com o Portella dentro do recinto da assembléa

—Que escandalo!

Conte-me isto.

—O Portella discutindo disse que a calumnia repelle-se com a calumnia e que elle não descia a responder a *certa ordem de gente*.

O Zama perguntou si elle referia-se a elle que dissesse, em ar de quem queria dar alguma *cabecada*.

Grita o Portella:—*Si quer brigar encoste!*

—Que desfructe!

Em lugar de tratarem do bem estar da provincia, desafiam-se para medirem as forças!

—E é para isso que a provincia está sustentando-os ha quatro mezes!

VARIÉDADES.

COUSAS QUE MUDAM DE NOMES

CONFORME AS CIRCUNSTANCIAS

Taverna, na cidade baixa, chama-se *armazem*.
 Gamarinha, em casa de gente rica, chama-se *gabinete*.

Lombo de carne em jantar de fidalgo, chama-se *Rosbife*.

Furto, sendo do homem miseravel, chama-se *Jadrocira*.

Sendo de chefe de repartição, *stclionato*.

Sendo de ministro, *malversação*.

Sendo de padre, *peixinxa*.

Sendo de caixeiro, *rapaziada*.

Sendo de estudante, *cassuada*.

Sendo de negociante, *alcavallas*.

Sendo de bolicario, *qui pro quo*.

Moça feia com dinheiro chama-se *interessante*.

Mulher ordinaria, que teve filho, pariu: sendo rica, teve bom successo.

Farinha sendo boa, chama-se *do brancos*. sendo ruim, *de negros*.

DISCRIPÇÃO

Do grande jantar dado pelo barão das Ferragens a Exm. Sr. D. Feixadura, viuva do cõsul Cadendo.

A primeira cobertura continha uma grande taça com excellente sopa feita de arame grosso, e adubada com pregos de cabeça. Um grande tacho com enxadas cozidas, e suas competentes foices, machados e saca-rolhas de horta. Dois tanques de ferro com missagras; um calderão com alavancas salprezas. Um grande prato com pés de cabra, e aldabras do forno, doze pastellões de tarraxas, e parafuzos.

A segunda cobertura constava de trez setroteas assados, ladeados do pregos do estuques com excellente molho de ferrugem.

Perguntava um sujeito:—ora Sr. F. Qual será a razão, porque frequentes vezes se encontram os homens de talento as portas dos homens ricos?—ao que o outro lhe respondeu de prompto:—é porque o homem de talento conhece o valor das riquezas, e o rico ignora o valor da sabedoria.

ANNUNCIOS.

Quem precisar de uma ama de leite, procure no sobrado n.º 11 á rua Direita do Colégio, 1.º andar.

Fugiu no dia 13 do corrente um molequão crioulo de nome Benedicto, escravo do commendador Barros Reis, idade de 13 annos, corpo esquivo, rosto descarnado, olhos vivos, vestido de calça e camisa de algodão, costuma trazer no pescoco roزاریo com veronicas, vaga a noite pela cidade e tambem pela Cruz do Cosme e Engenho Retiro, gratifica-se a quem o prender.

THEATRO PUBLICO.

COMPANHIA MELO-DRAMATICA

Extraordinaria representação em beneficio de Mr. Sarabulho.

Dada a hora, a orchestra executará pela primeira vez a escolhida ouverture,—*A sopa de tartaruga*,—finda a qual terá principio o bellissimo e sempre applaudido drama em tres actos e quatro quadros, producção do distincto litterato francez—*Restaurant*,—e que se intitula.—*O mocotó preparado com repolho*.

No fim do 1.º acto Mr. Caril em obsequio ao beneficiado cantará a grande aria, *Rawolfi*.

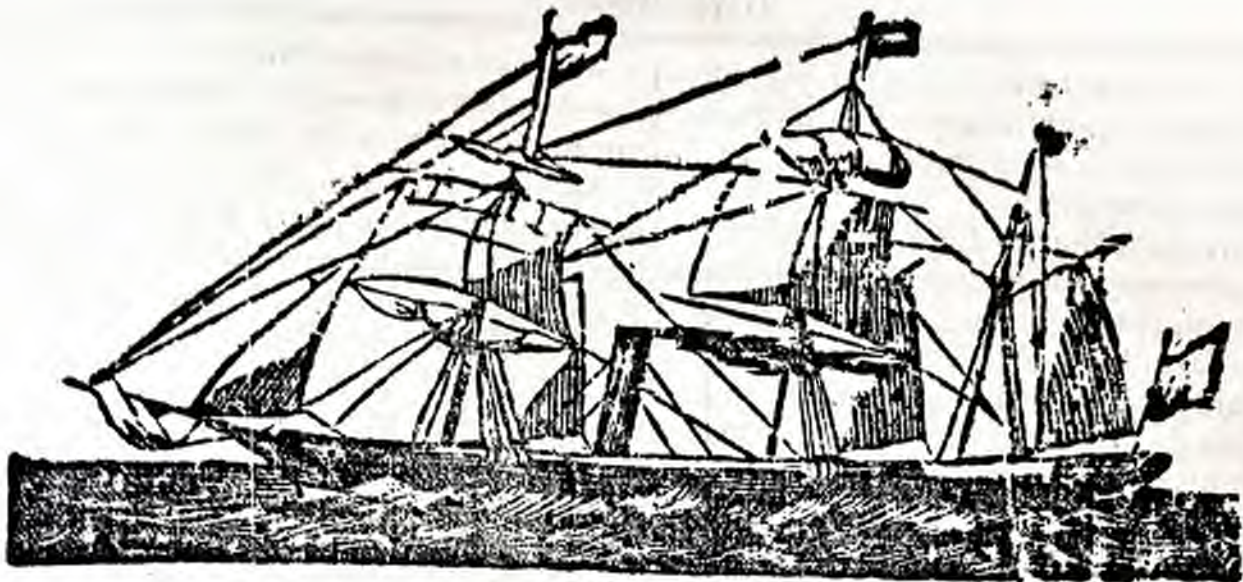
No fim do 2º acto Mrs. Bifes de Sebolladas, e de Grelha, á pedido de muitas pessoas executarao o muito engraçado duetto—*Talherim de massa fresca*.

Terminará o espetaculo a jocosa farca que tem por titulo—*O novo petisco ou os pasteis de nata*.

O beneficiador sempre grato ao respeitavel publico, aproveita a occasião de pedir toda a desculpa das faltas desta noite por isso que a mais nada deu lugar o tempo, e suas circunstancias: de mais declara que as bengalhas e chapens de sol serão guardados na mão de seus donos para o que se tem dado todas as providencias.

Os bilhetes de platéa e camarotes desde ja se acham a venda no escriptorio do mesmo theatro, os preço os mesmos da casa.

Principiará as 8 horas em ponto.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
à rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Serie 38.

Preço d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

23 DE JUNHO DE 1868.

N.º 378.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
22 de junho de 1868.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado de Sant'Anna.—Sendo notorio que, das 9 horas da noite em diante, algumas empiematicas filhas de Jerusalem, acompanhadas de seus competentes *carrascos*, costumam ir tomar banhos nas fontes publicas dessa freguezia, e ahi pronunciam palavras obscenas e praticam actos offensivos a moral; sirva-se S. S. de dar promptas providencias que façam cessar tal escandalo e, no caso de continuarem, as remetta ao porta-maca e os capadocios ao Xico Careca para dar-lhes a devida correccão.

—Notavel previdencia da camara!

Mandar plantar arvores no Terceiro para os moleques terem no que se divertir!

—Mas a culpa não é da camara; a policia é quem deve prohibir.

—Eu não sei de quem é a culpa; • que é certo é que os moleques dependuram se nos galhos e os vão lascando.

—Amanheceu no dia 21 na porta da igreja do Carmo o cadaver de uma creanca, cuja morte não parecia ser prematura, em vista do estado do mesmo, o qual so tinha a pelle sobre os ossos.

—E o que significa então?

—Não pude saber; apenas informaram-me que o Sr. Valença mandou apauhal-o e faser corpo de delicto.

—E' preciso averiguar isso.

—A igreja do Cabulla é uma perfeita riosca, armada sobre a cabeça dos viventes.

—Andei por lá no dia 19 e vi que esta a desabar por momentos.

—E tem mais uma cousa: o capellão não diz missa quando chove, por que no altar cahe agoa como na rua.

—Entretanto, os paes da patria não comprehendem a necessidade de conservar semelhante capella, a unica em que os habitantes do logar concorrem aos actos religiosos.

—Ora dá-se que gente de instincto maligno!

—Com quem trata?

—Ja outro dia um mestre alfaiate martyrisou um menino e mandou-o para a contra-costa, hoje 22, o mestre pedreiro de uma obra á rua das Veronicas deu tamanha porretada n'um discipulo que o atirou do andaime abaixo e fez-lhe um formidavel ferimento na cabeça e uma contusão no pescoço!

—Entendem esses estupidos e grosseiros, que com atrocidades é que encaixam o saber na cabeça dos meninos.

—A impunidade é que dá causa a tudo isso.

—Eis ahí uma bella industria, por meio da qual, muito espartalhão passa á larga, em quanto o diabo não se intromette.

—Vamos a ouvir.

—O portuguez Manuel Joaquim Pereira, rapaz que tem completa negação para um meio de vida licito, assentou de gastar perdulariamente em casa das mulheres sem ter rendimentos para isso, e então deu na especulação de usar de *subtilezas*, por meio das quaes possa arranjar dinheiro.

No sabbado, imitando a letra de um moço, escreveu a familia deste na Preguiça, mandando buscar alguns objectos de ouro que elle tinha ouvido nomear e enviou por um preto a carta que trouxe o que elle pedia.

Armado assim, dirigiu-se para a casa de Felisberta de tal ao Maciel, onde entrou a divertir-se a vontade.

Preso na segunda feira pela subdelegacia da Sé, confessou o roubo comprometendo-se a entregar o que existia.

—E não foi preso?

—Não.

—Homem, essa é boa.

—E' que o dono do roubo contenta-se em receber o que é seu mesmo, ja extraviado parte.

—Em todo caso. . . .

—Essa gente discipula de Hippocratis comprehende perfeitamente o juramento de socorrer a humanidade que dão.

—Falla por zombaria?

—Não.

—Eu não creio na sua sinceridade.

—Ainda hoje tive uma prova que mais me acapacitou do que digo.

As 11 horas da noite foi uma pessoa atacada violentamente de uma aguda dor sobre o ventre, no Cruzeiro, desde essa hora até ao sete meia da manhã não se encontrou um medico que se quizesse prestar! . . . uns, não estavam em casa aquellas horas! e outros, não podiam sair! . . .

A's seis horas a familia tomou a resolução de ministrar um purgante ao enfermo, e mandando a certa botica pedir que lhe avisassem com pressa, expondo o motivo, o boticario respondeu que deixasse *morrer quem morresse*, porque elle não tinha muita pressa!

—Toda essa gente, em materia de charidade, é uns cações; o que elles querem é que lhes escorrgue os cobres nos bolsos.

—Por esses dias estamos livre de Rocha Lima.

—Foi preso?

—Com casca e tudo.

—Breve está na rua.

—Desta vez a cousa é mais seria, feriu a um menino e vai responder a processo.

No dia em que foi preso, ia ferindo um homem n'uma venda a rua do Collegio com um formidavel furador que lhe foi tomado.

E ja elle tinha outro ferro no bolso com que commetteu o delicto.

—Felizmente, em quanto semelhante vagabundo estiver passando tempo no chilindró estamos livres delle.

—O *perluvio* que houve em Sant'Anna não podia acabar sem brinquito de pecula.

—Não lhe entendo.

—La vae mais claro. Na barulhada que houve em Sant'Anna por occasião do fogo, certo menino, que andava por la cocorandó a sua *deidade*, aproveitou-se da confusão para empurrar-se com ella em busca do Campo da Polvora, deixando os parentes a procura do homem da capa preta.

Não sei que travessuras fizeram, que a moça teve receios de voltar para casa.

—E ficou o maganão saboreando a gostosa fructa da companhia da cuja, assim em ar de phosphoro?

—Que duvida.

—A companhia de Vehiculos vae bem de concurrencia.

As gondolos da Victoria voltam sempre atupetadas.

—De moleques.

—E' verdade que os passageiros não são gente de vida muito regular, por que vão dando berros e fazendo descommunal assuada.

—V. não sabe o que é. Como as gondolas voltam vazias, os boleiros admittem quanto camarada tem, os quaes vão pintando o diabo.

—Pois isso é bem mau.

—E' a direcção da companhia que V. deve dizer.

—Amanheceu por baixo das portas um papelucho com o titulo a—*Fradaria*.

—Em que sentido?

—Descompostura.

—La se avenham. Onde foi impresso?

—Não traz nome da officina.

—E' uma pechincha para a promotoria publica.

—Isso so si houvesse alguma *sentinella invisivel* que bispasse onde os cujos imprimiram.

—Não é preciso, porque V. sabe que ha gatos que andam escondidos com o rabo de fora.

A NOITE DE S. JOÃO.

Hoje é o dia desta bella noite, que ainda mais aprasivel seria si entre nós ainda não houvesse o barbaro uzo de soltarem pelo meio das ruas os furiosos foguetes buscapés tão perigosos, e que tantos damnos tem causado nos annos passados. Faz admirar que na Bahia, e nesta epoca em que se diz de civilização, usem ainda de tal divertimento grosseiro, assim como do louco, e extravagante entrudo, que ja tem posto algumas pessoas na cova. Esperamos, pois, que neste anno os rapazes tenham mais juizo, e melhor gosto, em vez de se queimarem com foguetes, e se podem no risco de serem presos e pagarem uma condemnação, empreguem o dinheiro na bella cangica, e bons petiscos para entreterem a noite, tirando sortes ao lado das amaveis moças, deixando logo de parte algum dinheiro para pagarem alguma divida que appareça do alfaiate, ou sapateiro; porque, em todo caso, para quem tem vergonha dá mais prazer andar de contas justas do que jogar foguetes. Aproveitamos tambem esta occasião para pedir aos Srs. apaixonados de fogueiras com arvore no meio, que tenham o cuidado de mandar no outro dia tapar os buracos que fazem para fincar os seus pendões, afim de não augmentar a desgraça das nossas ruas tão mal calçadas.

E quaes são os lucros que se tiram de jogar foguetes?

Assustar as familias.

Olhos furados.

Mãos queimadas.

Uncturas de calabouço.

Prejuizo de dinheiro para sempre

Amen Jesus.

LA VAE VERSO.

DESABAFO POETICO.

Si o governo desejasse
Fazer seu povo feliz,
Deveria em casos taes
Seguir o que aqui se diz.

Si isto é mau, si isto é tollice,
Quem dera que se cumprisse.

Pelintra, que sem vergonha
Lordeia so por calote,
Quando fosse p'ra o Commercio
Ser enxotado a xicote.

Tomando casaca nova,
Sem pagar ao alfaiate,
De pedradas dos moleques
Devia soffrer combate.

Estudante, que por burro
Tres vezes é reprovado,

Para bordo d'um navio
Logo e logo recrutado.

Mulher de capona preta,
Que traz sempre novidade
Devia levar de bollos
Trez duzias por caridade.

Não poder um bacharel,
Ser juiz n'uma demanda,
Sem primeiro ter gastado
Sete annos de quitanda.

Nenhum chamado pra medico
Sem primeiro ter provado
Si são mais os que tem morto,
Si mais os que tem curado.

Nenhum padre dizer missa,
Até nem raspar coroa,
Sem que toda gente diga
Que a sua moral é boa.

Ministro que no emprego
Ja fizesse ladroeira,
Não poder andar na rua
Sem pescoço em gargalheira.

Caixeiro que rouba o amo
Ou põe loja a custa alheia,
Devia passar seis annos
Estudando na cadeia.

Yaya que dançando a polka
Faz tregeitos e momices,
Ter em premio dois archotes
Para não fazer tollices.

Mulher, que por ser bregeira
Prega logros ao marido,
Gozar sempre um trancelim
De coiro de boi torcido.

Quem der bailes e funcções
Sem pagar os bolinhellos,
Das tripas todas do gado
Receber sempre os miollos.

O frade que sahe de noite
Contra as leis do seu convento
Deve vir no reféitorio
Comer ovos de jumento.

Si isto é mau, si isto é tollice
Quem dera que se cumprisse.

Á PEDIDO.

—No dia da *cscapula do diabo*, no anno de 64, indo o servente Antonio receber o salario de seu trabalho em mão de certo doutorete filho de Lisboa; disse este que não podia pagar.

—A cousa mais natural do mundo.

—Porem o rapaz fez notar que a divida ja

era um tanto velha o que elle tinha grandissima precisão. A resposta que obteve foi uma furiosa mella de sipó, que lhe poz as costas em pântanas; dada pelo tal doutor e seu pae.

— Isto está uma historia sem nexo: eu não sei quem é o doutor, onde se deu o facto, nem o fim que tem ella.

— O doutor? Basta saber que é filho de Lisboa.

O logar? será qualquer parte, menos em Pirajá.

O fim da historia? é mostrar a apregoada honradez de certos quídams.

— Um facto desta ordem fica em mortorio!

— Qual é o facto, meu rapaz?

— O caxeiro e sobrinho do Freitas, com loja de cera as Portas do Carmo, que esbandalhou a cara de um rapaz com uma garrafada.

— E está impune?

— Deu sebo as canellas.

— Nesse caso é chorar pitangas.

— Esse caxeirote é um innocentão de tal ordem, que si o Dr. Catão o pilha, o menos que fazia, era tranca-lo em uma celula para não se contaminar ao halito dos ladrões e assassinos que lá estão engaiolados.

— Será um que andou mettido n'uma embrulhada de uns 2:000\$ rs. pertencentes ao Domingos fallecido a 2 de julho do anno passado e que, dizem, o sobrinho do mesmo safara?

— Esse magano mesmo.

— Que meninorio!

— Trago-lhe noticias dos Campos heroicos.

— Vá dizendo.

— No dia de Santo Antonio o reverendo vigario deixou de celebrar missa na matriz para ir ganhar 16\$ rs. em casa do Marques Teo do rio Riacho.

— A sordidez pode muito em certas organizações.

— Quando chegou, encontrou os ornamentos, que tinha mandado adiante, atirados sobre um porco branco, o reverendo fingiu-se afflicto por isso e que disse que para o anno nem por 50\$ rs. vinha celebrar.

— Está si inculcando.

— A proveitou logo a occasião para fazer uma gorgeta. Baptison o filho da Totonha, de que foram padrinhos o *Januario* que planta pereiras e quer colher limas e sua mulher, o que não sei si elle podia fazer.

— Porque não podia? O que não faz o mercenario com tanto que dahi lhe venha a paga?

VARIÉDADES.

EXEMPLO DE POBRIDADE

Que bella cousa é a probidade! dizia a seus filhos um mercieiro da rua de.... Que grande credito vos não dará ella no commercio! Que alta consideração vos não assegurará no mundo! Até h'je, louvado Deus, tenho sido exacto no cumprimento dos meus deveres: nunca retardei, um minuto que fosse, o pagamento de uma letra; fui sempre exacto nas minhas contas; vendi sempre a preço razoavel; nunca ninguém se queixou das minhas balanças... A proposito Joaquim horrifastes o tabaco?

— Ja, sim, senhor.

— Já deitaste alguma aguardente de figos no espirito de vinho?

— Já, sim, senhor.

— Já misturaste chicorea no café?

— Ja, sim, senhor.

— Já derreteste algum cebo na manteiga de cacão?

— Ja, sim, senhor.

— Bem! muito bem! Vem rezar com nosco, viade tambem, filhos, e pecam sobre tudo a Deus que vos mantenha sempre no caminho da probidade, d'onde nem por todo o ouro do mundo eu seria capaz de me afastar.

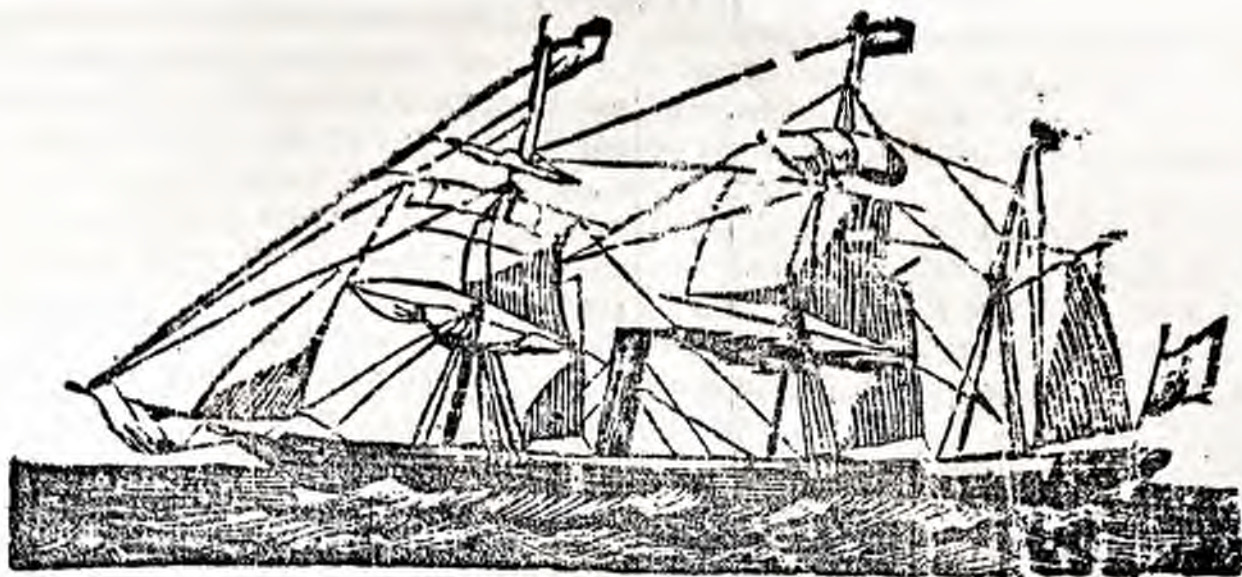
ANNUNCIOS.

FOGOS E MAIS FOGOS E SEMPRE FOGOS PARA AS VESPERAS DE S. JOÃO, S. PEDRO E DO GLORIOSO DIA DOUS DE JULHO.

Só na Loja Flaviense de Antonio Emigdio de Souza, á rua do Guindaste dos Padres n.º 24, é que se encontra um grande e variado sortimento de pistollas, foguetes do ar, craveiros, fortes espadas encouraçadas, chuveiros e chuveiros, rodinhas grandes e pequenas, traques da India das primeiras marcas, ditos de maça, ricas sortes para presentes, candeias e bichinhas, photographias magicas e feiticeiras. O Annunciante garante ao respeitavel publico desta capital, que em parte alguma serão tão bem servidos como na loja acima, por ter mandado fazer os seus fogos por encomenda e a capricho, só afim de bem servir aos seus freguezes, pois escolheu os primeiros fabricantes desta capital; e como se acha com um grande deposito está resolvido a vender tudo por muito menos que em outra qualquer parte, e por isso espera ser preferido, pois ninguém quer ser mal servido.

IMPERIAL SOCIEDADE MONTE-PIO DOS ARTISTAS

Por deliberação do conselho, em sessão de 14 do corrente, couvido a todos os Srs. socios que se acham atrazados, á virem pagar o que devem de suas mensalidades, a fim de lhes não ser applicadas as penas comminadas nos estatutos. Bahia 15 de junho de 1868. — *Arisbides Ricardo*, 1.º secretario.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
á rua do Collegio n. 44, 1.º andar.

Serie 38.

Preço d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 40 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

27 DE JUNHO DE 1868.

N.º 379.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronópolis, bordo do *Alabama*
26 de junho de 1868.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado de Santo Antonio.—Notando-se nesta cidade grande falta de mamões, fructa aliás alimentaria, pitoresca e desopulenta e que, com o uso que della se faz, ajuda a fazer a digestão e a relaxar o ventre, e não se achando de tal fructa sinão na cidade baixa, porque nos outros logares, onde era costume vender-se, não se encontra, sendo essa falta tanto mais sensivel pela escassez que deixa no mercado desta vastissima cidade, como pelo excessivo preço de 280 reis, porque hoje se vende os de tamanho ordinario; sirva-se S. S. de por meio de seus inspectores de quarteirão recommendar a replantação da dita fructa, para que não caia em omniissão o titulo que lhe foi doado pela originalidade e abundancia.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que a continuarem os moradores da rua do Imperador, á Calçada, á fazer de uma bocca de lobo que ali ha, cloaca publica, leve ao conhecimento da camara afim de mandar tapal-a, para que não continue aquelle foco de peste a damnificar a saude publica. Cumpra.

—No dia 23 tapou se a assembléa provincial; os rapazes se retiraram inconsolaveis com

as saudades dos oito mil *bagos*; quasi todos foram doentes para suas casas, uns com inflamações de garganta pela gritaria que fizeram, e calor que tomaram na discussão dos negocios da patria algibeira, e outros foram hydropicos de estupidez, adquirida na frialdade da descaração: fizeram-se novas leis, e muitos augmentos que foram todos—apoiados.

Nos ultimos dias houve muito que fazer, e esteve tudo muito occupado no embarque das biscas, de sorte que ficaram para ordem do dia do anno que vem os seguintes projectos:

Reforma ou melhoramento das torcidas pertencentes aos candieiros das ruas, remetida a commissão de mexas.

Augmento de ordenado a todos os sineiros das freguezias, e capadores do curral.

A creação de um hospital para as recolhidas do becco do Grêlo.

A limpeza da cidade ou arrecadação da suacidade das ruas posta em hasta publica a quem mais der.

—Quem lucrou com o S. João foi a Companhia do Gaz.

—Tambem vendeu foguetes?

—Não; a Companhia faz como certo usurario que diz—que carne gorda não precisa toucinho e magra não o merece. Nas noites de escuro não se accendem os lampeões por que o vento não consente, na noite de S. João por que a luz das fogueiras eram de sobra.

—No aproveitar é que vae o ganho.

—Não me dirá que graça acha aquella gente em ver duas mulheres se esbofetearem?

—Duas pobres que brigam por causa de esmolla.

—Uma é a sobrinha do capitão Botelho da Calçada; dizem que tem atésobrado.

—Mais o tio chamou a sua folha.

—E essa gentalha toda do Forum largar o seu que fazer para vir para baixo do arco applaudir tal spetaculo!

—Não se admire, porque la estão dous policias fazendo parte do farrancho.

—Si houvesse um lugar, onde taes mendigos fossem obrigados a permanecer, não andariam tantos ociosos pelas ruas.

—Felizmente passou a noite de S. João sem que houvesse algum caso triste a lamentar. Ao menos que nos conste.

—Apezar da immensidade de busca pés que neste anno sobre-sahiu aos anteriores.

—A excepção d'alguma queimadella ou de algum *xabu*, não houve caso notavel.

—Vou ja lhe apontar um. Uma menina queimada na venda n.º 22 á Calçada, onde os amantes do brinquedo estiveram exaltadissimos, com especialidade o filho de um capitão de policia.

—Um caso ou outro que não faz coro.

—Uma senhora na rua de Baixo, uma outra Atraz da Sé.

—Podia ser peor, por que patrulhas foi bicho que eu não vi deitar o rabo de fora, apezar da ostentosa basofia com que se annunciou sua presença por todas as freguezias.

O QUE É O HOMEM DE BEM.

Não ha quem não queira ser homem de bem.

O maior velhaco acaba de praticar uma acção indigna, e jura que é homem de bem; outros, apezar de mil defeitos, conservam a estimacão publica de—homens de bem.

Donde nasce esta esta confusão de idéas?

Da falta de exacta definição do homem de bem; porque este so é o que desempenha os seus deveres para com Deus, para consigo, e para com os seus semelhantes.

Um homem casado, por exemplo, uma vez que trate da mulher e dos filhos, o mundo não lhe nega o titulo de—homem de bem, ainda que elle dê largas ao seu coração, e comente tantas infidelidades contra a esposa, quantas são as más mulheres, que encontra.

Mas aos olhos da religião este homem é um adúltero e por consequencia um mau christão, que não merece sinão o nome de relaxado, ou mal casado.

Um senhor maltrata barbaramente a seus escravos; estes vivem rotos ou nus, os açoites não lhes saem de cima das mirradas carnes; e alguns senhores até os teem mortos em surras. Comtanto que taes homens andeem limpos e aseados, deem seus jantares uma vez por outra, o mundo não lhes nega o distinctivo de—homem de bem.

Mas, segundo os principios da recta razão e da religião, taes individuos são umas feras, são uns monstros, a quem falta a primeira de todas as virtudes, que é a caridade, mesmo para com essas victimas de nossa ambição.

Causa riso ou compaixão o ver algum desses carrascos, fallarem em religião de Jesus Christo, como si a religião do Crucificado não lhes preceituasse dar de comer ao seu infeliz escravo, dar-lhe roupa e nunca tirar-lhe o resto da vida em açoites.

O prodigo, que dissipa os bens com tanta facilidade, quanta é a precaução do avarento em os conservar; que consome no luxo o que devera empregar em socorrer os necessitados; que vive na opulencia, sem se compadecer da pobreza; si só come do que é seu, si não contrahe dividas, o mundo lhe concede o titulo de—homem de bem.

Mas a religião lh'o recusa, e põe muito abaixo do turco, porque a caridade deste estende-se até aos cães das ruas, e a daquelle nem chega para o seu semelhante.

(Continua.)

Á PEDIDO.

—Aspirante!

—Prompto.

—É preciso apanhar um gavião que esvoaca da praça do commercio e vae comer perizes nas Pedreiras.

—Vou pedir o alcapão do Cypriano que é magnifico para isso.

—Seria melhor armar um laço na praça pelas immediacões de alguma loja de fazendas e onde essa ave costuma pousar.

—Ja mudou de comidia, capitão, depois que estafegou uma rolinha, a qual betou com mentidas caricias.

—Seja por que modo for, preciso dessa ave de rapina á bordo quanto antes para não continuar nos estragos que está fazendo.

—Voltarei breve, capitão.

Sr. Redactor.—Alguem, com intenções malignas, procurou por meio de allusões torpes, em um artigo de seu jornal impresso a 18 do corrente, dar a authoria de um outro artigo, que tem por titulo—*as pedras preciosas derro-*

idas em lucro—a uma victima de seu rancor, procurando assim fomentar indisposições com pessoas que a victima deseja esquecer como se nunca existissem.

Portanto, so e unicamente para restabelecer a verdade, sirva se de declarar, se foi a pessoa a quem tão indignas allusões se referem, quem mandou publicar o mencionado artigo.

A victima atassalhada.

Em abono da verdade, cumpre-nos declarar que não é a pessoa que se apresentou fazendo a presente reclamação, o author do a pedido referido.

A Redacção.

(Continuação do n.º 577)

—José da serra é o mais infrene detractor da honra e honestidade alheia.

Não ha familia na villa de *Santo Serafico*, que não tenha sido atassalhada pelo gume afiado de sua aleivosa lingua.

A honra da donzella, a honestidade da viuva, a fidelidade da esposa tem sido torpemente conspurcada por elle.

Si fosse possível citar o testemunho do Dr. *Bita da corte* de quem elle ia *serrar* o cha todas as noites na rua do *Mosteiro*, ficaria bem patente o grau de mordacidade desse energumeno.

—Pois uma creatura tão cheia de mazellas, atreve-se a enxovalhar os mais!

—Deixando de parte isso, continuarei a enumerar a serie de escamotages que tem praticado.

Do *amassa pão* *Quinquin* de *Santo Anna* surriprou certa quantia n'uma gaveta.

Tendo a *Marcollina*, mãe de filhos do commendador B., esquecido-se na salla as correntes da cintura, especie de taboleta, o nosso amavel foi a ella com unhas e dentes e empalmon as moedas que poude safar e alguns enfeites.

Isto deu se na fazenda dos *passaros que falam*.

O cidadão *Zeze Tomas* da *Ventania* de *Santo Amargo* foi victima de um logro desse esperalhão que em confiança, deu-lhe um dinheiro para dar ao *escrivão* que *não cura* e o rapina ficou-se com elle,

(Continúa.)

—Conhece aquella joven menina?

—Qual? aquella que occupa o camarote n.º.....?

—Sim.

—E' uma jovem de 14 annos, de formosa face e corpo elegante.

—Adorna-se com tudo quanto prescreve o luxo!

—A senhora que se senta a seu lado pode ter uns 40 annos; em sua juventude foi bella, porem o vicio e o deboche a tem feito envelhecer antes de tempo.

—E' mãe da outra?

—Indubitavelmente.

Tereis ouvido contar e mesmo presenciado muitos actos immoraes; conhecido muitas mães a quem a necessidade e a impossibilidade de dar estado a suas filhas, tenham forçado a consentir que estas se prostituam, conservando ellas a apparente dignidade maternal de não se darem por scientes de sua conducta... Mas nunca vos chegou ao conhecimento que uma donzella, uma creança de 13 annos, innocente e pura, fosse por sua propria mãe forçada a prostituir-se!... por sua mãe, que não era ao menos desculpada pela necessidade extrema!

—Por certo não tinha noticia de tão perversa immoralidade....

—Pois vede: a joven alli está e a seu lado a mãe amaldiçoada!

Aquella menina, que, bella como é; talvez podesse conseguir um futuro lisongeiro, se sua mãe zelasse sua reputação, e a reprehendesse e aconselhasse, quando por acaso a visse practicar alguma acção leviãna; é a mesma que regeitando e repellindo o amante que sua indigna mãe lhe lançava nos braços, por que a innocente nem sabia o que era ter um amante!—foi impellido a prostituir-se prematuramente e é obrigada adornar-se com as galas da devassidão, sem de todo ter deixado ainda as faxas da infancia!

Vel-a-heis precoce chegar a velhice, tendo passado por todas as degradações, a que seu sexo está sujeito e apenas tocada a idade da puberdade. A esterilidade accompanha-a-ha; não preencherá por certo a missão divina, que na terra Deus impoz á mulher: o que sendo um anathema para prostituida; é uma ventura para á sociedade, que antes quer ter menos cidadãs que muitos sem educação.

—Nada pode desculpar o crime daquella mãe.

—Jo vol-o disse que não foi a necessidade quem a forçou a entregar a filha a libertinagem; não!... que ella tinha comque modesta e parcamente viver. Porem não podia frequentar theatro, não podia frequentar bailes, não podia ostentar faustoso luxo..... e lançou mão da filha como de uma qualquer mercadoria e vendeu-a.....

—E' a desmoralisação do seculo em que vivemos.....

Basta de tanto horror.....

—A victima a quem se referem as nojentas diffamações publicadas no *Alabama* de 18, por um *mouro* infame, salteador de estradas, vem hoje a imprensa desafiar ao cobarde algoz, borracho conhecido por todos nesta praça, refinado surripador do suor alheio, assassino da honra, para descobrir-se da capa rota e negra em que envolve sua imunda personalidade, visto como não é licito responder a um cão tihoso, que se prevaleça da arma do anonymo para ferir vil e traiçoeiramente.

Em diversas datas, e em varias gazetas, tem o *mouro magarefe* atirado a victima, que persegue, allusões torpes e calumniosas, que so podem sahir da cabeça de um bebado consumado, ou de um rafado cangueiro.

A victima nunca teve intenção de responder ao alquilé, mas como por tantas vezes tenha sido aggreddido, dirá alguma cousa, não porque intenda que o assassino mereça resposta, mas para que o publico que bem o conhece, saiba de certos factos.

O infame é um miseravel tratante com armazem em um logar de *desembarque* na *cidade do negacio*. Chama-se *Mouro grande*, mas todos o conhecem pelo *Cachaço de Zarcão*. Quando quiz comprar o covil onde vive entocado impingindo *seccos* por *molhados*, chamou para socio a B., e recusando-se este a pretexto de não ter dinheiro com que entrasse para a sociedade, respondeu que não era preciso, porque a casa se vendia fiado e que para garante tinha o *Ferrabraz*.

A's ponderações de B. a respeito de futuras complicações, retrucou—que de nada receiasse, porque depois d'elle de posse da casa saberia *dar-lhe o geito*, e o que *Ferrabraz* ahí estava para supprir o necessario, por capricho ou vergonha.

Feita a sociedade, bem depressa conheceu o B. o erro em que cahira, porque foi roubado tão escandalosamente, de sorte que teve de saldo uma lb. no valor da quarta parte do capital e lucro de que B. era credor, quando esse saldo montava mais de 20:000 D.

Vejam quanto não roubou esse rapina!

Que o diga todo commercio.

Que o diga o honrado cavalheiro a cuja intervenção se recorre para a dissolução dessa malfada associação.

Agora quer fazer outro latrocínio em maior escala e vae atirar o bote a victima que hoje assassina e a quem ja processou em nome de terceiro.

Este salteador, sendo agente de um outro de igual jaez, roubou uns bahús de miudezas e mandou áquelle para dispor delles e dividirem o producto. notando-se que as miude-

zas vieram da Cachoeira e os defraudados falliram immediatamente.

(Continúa)

VARIÉDADES.

REQUERIMENTO INTERESSANTE.

Illm. Sr. Sub-delegado.—Diz Joanna do bom Successo que tendo noo sio maxo de idade vinte e 4 annos que mi foi feito por meu fiado marido como vos, senhor, bem sabe, que Deus nosso Senhor levou ja faz bem tempo, este sio que me sustenta por que Sr. Sub-delegado elle é pescador de tarrafa mais munzuá e todo peixe que apanha é para vender, mais para Mim mais pra miúe com que elle o cujo meu sio falla e vossa Senhoria é tistimunha, este dito meu sio suplicante foi agarado pra rictuta e como eu sou uma viuva Honesta que não recebo home di portas pra dentro vou li pidi pra manda sorta o dito meu sio Suplicante que na inpedemia abaixo di Deus foi quem sarvou á sua camarada Teté.

Despacho.

Não seja boba nem estopida; vá pedir a alguem que lhe escreva o requerimento.

F.

SENTENÇA DE UM JUIZ ORDINARIO.

Vistos estes autos, e pondo os Olhos em Deus, e em minha Mãe a Senhora Maria Santissima, empunhando esta Vara vermelha, com que de presente me acho na mão, que significa a de Moizes, com que ferio a pedra, da qual saio o delicioso Licor do Vinho, com que fartou ao Povo, que condusia do Egypto para a terra promettida, por ordem de Deus, o qual lhe appareceu em uma Sarsa abrasado e attendendo ao grande empenho que tenho de minha comadre a Sra. Maria da Silva, a quem sou muito obrigado, e attendendo mais a vontade, que tenho de servir a mulata Catita, de quem tenho seis filhos bastardos, e por força meos herdeiros, sem embargo das testemunhas f. 5, e f. 11 jurarem contra producente, não estaca por isso, e mando que contra o R. se não proceda, dando-se lhe baixa na culpa pagas as custas pelo A. em que o condemnou, e a pedir perdão ao Reo na Missa conventual pelo dolo, e malicia, com que teve filhos de minha Comadre, sem embargo de ter razão.

João Durão Mexias.

Juiz ordinario.

Um fidalgo querendo persuadir a Fr. Bartholomeu dos Martyres que fizesse alguns quartos novos no ceu palacio, este virtuoso prelado disse-lhe: «Perdoar-me-heis, senhor, se vos disser que aquillo que me quereis persuadir é peor do que aquillo que o demonio propunha a Jesus Christo; por quanto elle lhe aconselhava que convertesse as pedras em pão; e vós me aconselhais pelo contrario que converta em pedras o pão dos pobres.»

Um typographo tinha um filho torto, coxo, e maneta. Lançando-se-lhe em rosto ests desgraça, elle respondeu:

—Por mais que corrija as provas, ha de sempre haver errata.